

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

Mayara Souto Collar

**“LATINAS”: JORNALISMO *CROSS-BORDER* COMO ESTRATÉGIA
PARA A PRODUÇÃO DE UM *PODCAST* PARA A AMÉRICA LATINA**

Santa Maria, RS
2019

Mayara Souto Collar

**“LATINAS”: JORNALISMO *CROSS-BORDER* COMO ESTRATÉGIA PARA A
PRODUÇÃO DE UM *PODCAST* PARA A AMÉRICA LATINA**

Projeto Experimental de Graduação apresentado
ao Departamento de Ciências da Comunicação da
Universidade Federal de Santa Maria como
requisito parcial para a obtenção do grau de
**Bacharel em Comunicação Social -
Jornalismo.**

Orientadora: Laura Strelow Storch

Santa Maria, RS
2019

Mayara Souto Collar

**“LATINAS”: JORNALISMO *CROSS BORDER* COMO ESTRATÉGIA PARA A
PRODUÇÃO DE UM *PODCAST* PARA A AMÉRICA LATINA**

Projeto Experimental de Graduação apresentado
ao Departamento de Ciências da Comunicação da
Universidade Federal de Santa Maria como
requisito parcial para a obtenção do grau de
**Bacharel em Comunicação Social -
Jornalismo.**

Aprovado em 12 de dezembro de 2019:

Profª Dra. Laura Strelow Storch (UFSM)
(Orientadora/Presidente)

Profº. Me. Cristiano Magrini Rodrigues (UFSM)

Laura Alpi Coutinho (UFSM)

Santa Maria, RS
2019

AGRADECIMENTOS

À mulher que fez tudo ser possível, minha mãe, Kelly. Foste incansável em me auxiliar nesta longa caminhada e me proporcionar à educação, que tu sempre insististe: “é a única coisa que ninguém pode te tirar”. Obrigada por estar sempre ao meu lado e me fazer acreditar que meus sonhos são possíveis. Te amo infinito! Agradeço ao meu pai do coração, Rerinton, por ter sido o primeiro a acreditar nesta pequena (quase) jornalista, e por continuar acompanhando de perto minhas conquistas. Te amo! À minha irmã Maria Eduarda, dedico todo amor que existe em mim. Tua leveza de criança sempre me fez lembrar que a vida também é brincadeira. Tua admiração é o melhor reconhecimento que posso ter. À minha irmã de coração, Louíse, obrigada pelos conselhos, por me acalmar e me lembrar de respirar. Amo vocês duas! À minha avó, Maria Luiza, muito obrigada pela paciência, as comidas gostosas e a preocupação comigo. Os livros que ganhei de ti quando crianças, com certeza, fazem parte da escolha desta profissão. Agradeço a toda minha família pelo apoio nesta jornada, à Sandra e o Guto, à bisá Eva, às tias Alynne e Kellyani e aos meus primos Lorenzo e Gabriella. Vocês são a minha base. À Camomila, amor canino que sempre ficou ao meu lado.

À minha orientadora Laura, por ter sido uma estrela guia neste processo. Obrigada por me aceitar de presente e pelo conhecimento compartilhado. E também por ter sido a amiga que ouviu, abraçou e me fez acreditar no que pareceu impossível, em muitos momentos. Tu me ensinas como profissional e pessoa! A toda equipe do LEX, obrigada por tanto!

Às amigas de vida que o curso me proporcionou, Andressa, Bárbara, Taísa, Mirella, Kamila, Victória, Júlia, Caline e Bibiana. Em especial, à Taísa pela ajuda na locução, à Caline pelas edições de áudio e por ser minha dupla para criar o programa de rádio que formou muito do que sou, o Gritos do Silêncio. Agradeço também a todos que fizeram parte da equipe. Às amigas que acompanharam de perto meu desespero e me acolheram, Fernanda, Thais e Ane. Às amigas que vibram as conquistas comigo há algum tempo, Rafaela, Paolla, Cláudia, Fernanda e Carol. À Renata, que me ensinou que distância não é nada se o coração está perto. Amo todas vocês! Ao Grupo Amor, Movimento e Dança por serem exatamente o que o nome diz. A todas e todos que ajudaram e/ou ofereceram ajuda na construção deste trabalho: MUITO OBRIGADA!

Por fim, à Universidade que tive acesso por cinco anos e desfrutei da pesquisa, extensão, intercâmbio e mobilidade acadêmica. São tempos difíceis, mas prefiro lutar pela continuação da educação pública, gratuita e de qualidade.

*Soy lo que sostiene mi bandera
La espina dorsal del planeta es mi cordillera
Soy lo que me enseñó mi padre
El que no quiere a su patria, no quiere a su madre
Soy América Latina
Un pueblo sin piernas, pero que camina, ¡oye!*

(Latinoamérica – Calle 13)

RESUMO

“LATINAS”: JORNALISMO CROSS-BORDER COMO ESTRATÉGIA PARA A PRODUÇÃO DE UM PODCAST PARA A AMÉRICA LATINA

AUTORA: MAYARA SOUTO COLLAR
ORIENTADORA: LAURA STRELOW STORCH

O presente trabalho apresenta uma experimentação sobre as potencialidades e limites da produção jornalística internacional a partir do conceito de jornalismo *cross-border*. Discuto como produzir conteúdos jornalísticos sobre e para diferentes países da América Latina em um *podcast* sobre mulheres latino-americanas. Para isso, construí o projeto editorial de um *podcast* jornalístico para a circulação no continente, utilizando como estratégia a produção colaborativa entre diferentes países, característica do jornalismo *cross-border*. Visando aproximar os países latino-americanos, e mostrar semelhanças e diferenças entre eles, testei estratégias narrativas que consideram as diferenças linguísticas entre os países e caracterizam a linguagem sonora, próprias do *podcast*. Sigo as linhas fundamentais dos métodos experimentais em ciência (GUTIÉRRES ARANZETA, 2006), que são utilizadas no Laboratório de Experimentação em Jornalismo (LEX) da Universidade Federal de Santa Maria, onde o projeto é desenvolvido. Dessa forma, o *podcast* “Latinas” fala sobre mulheres latino-americanas, dividindo os conteúdos em temporadas temáticas, em que cada episódio traz vozes de diferentes países da América Latina. Realizei a produção de um episódio piloto, que conta a história do *podcast*, além de dois episódios da temporada sobre o Aborto na América Latina. Entre os principais resultados está a produção de episódios em parceria com mulheres da Argentina, México e El Salvador, além da experiência narrativa de tradução de expressões e falas do português para o espanhol, devido a gravação do episódio piloto em ambos os idiomas.

Palavras-chave: Jornalismo Cross-Border. Jornalismo Internacional. América Latina. Mulheres. Podcast.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. MARCO TEÓRICO	10
2.1. A AMÉRICA LATINA E AS MULHERES LATINO-AMERICANAS	10
2.2. JORNALISMO INTERNACIONAL, GLOBAL E CROSS-BORDER	16
3. MÉTODOS E TÉCNICAS DE EXPERIMENTAÇÃO.....	20
3.1. MÉTODO EXPERIMENTAL	20
3.2. JORNALISMO E SEGMENTAÇÃO	20
3.3. O RÁDIO E OS <i>PODCASTS</i>	24
3.4. ETAPAS DO PROCESSO EXPERIMENTAL	26
4. O PRODUTO	28
4.1 EPISÓDIOS PILOTO – PORTUGUÊS E ESPANHOL.....	28
4.2. TEMPORADA SOBRE O ABORTO NA AMÉRICA LATINA.....	32
4.2.1. Episódio 1 - Do ilegal ao criminal	32
4.2.2. Episódio 2 - Da luta à legalização	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
APÊNDICE A- ROTEIRO DO EPISÓDIO PILOTO EM PORTUGUÊS.....	41
APÊNDICE B- ROTEIRO DO EPISÓDIO PILOTO EM ESPANHOL.....	51
APÊNDICE C - ROTEIRO PARA AS COLABORADORAS	61
APÊNDICE D - ROTEIRO DO EPISÓDIO “DO ILEGAL AO CRIMINAL”	62
APÊNDICE E - ROTEIRO DO EPISÓDIO “DA LUTA À LEGALIZAÇÃO”	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo atua como um importante agente na construção de realidades do cotidiano. No âmbito da produção internacional, o jornalismo internacional mobiliza percepções de mundo, e faz com que um imaginário social sobre países se torne real a partir da construção das notícias (BOMFIM, 2012). As agências de notícias internacionais são responsáveis por grande parte da produção internacional, devido às filiais espalhadas por diversos países. Entretanto, as mesmas estão localizadas, principalmente, em regiões desenvolvidas, como os Estados Unidos e a Europa. E, por isso, acabam privilegiando interesses econômicos e políticos que fazem com que algumas regiões não tenham atenção midiática. Considerando a imprensa mundial, as notícias sobre os países da América Latina são “marginalizadas”, e geralmente carregadas de um “contexto sensacionalista, grotesco privilegiando o negativo” (SANT’ANNA, 2006, p.3), que fazem associações dos países vizinhos com o “narcotráfico, a ditaduras, terrorismo, corrupção escândalos, violência, crises sociais, políticas e econômicas” (SANT’ANNA, 2006, p.14).

Partindo dessa compreensão, utilizo a discussão teórica sobre o jornalismo colaborativo *cross-border* para a produção de conteúdo jornalístico internacional sobre e para a América Latina. O jornalismo *cross-border* considera que a produção internacional pode ser realizada de maneira colaborativa com jornalistas, ou pessoas que possam produzir conteúdo sobre determinado assunto no país de origem. Segundo Alfter e Câdea (2019), os estudos científicos e práticos sobre *cross-border* é recente e um assunto a ser explorado por pesquisadores e jornalistas, assim, compreender esta teoria e utilizá-la na produção jornalística promove uma ponte entre a pesquisa científica e a prática profissional.

O projeto experimental desenvolve um *podcast* jornalístico sobre mulheres latino-americanas, com produção sobre os diferentes países que integram a região. A escolha pelo formato *podcast* ocorreu devido ao áudio permitir a produção mais rápida com pessoas de outros países, como é a ideia de produção colaborativa *cross-border*. Além de possibilitar a circulação em várias partes do mundo, em plataformas de distribuição de *podcast*, como o *Spotify*. Ao mapear outros produtos jornalísticos em plataformas como *Twitter* e também outros *podcast* notei a falta de conteúdos sobre as mulheres latino-americanas, já que os que existem são mais como uma identidade de quem fala, e não dos assuntos em si. Desta maneira, assumi a linha editorial de um produto jornalístico sobre mulheres latino-americanas, seguindo critérios de segmentação jornalística de Ali (2009).

A formação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria costuma apresentar as práticas e técnicas da profissão aos estudantes de forma gradual. Inicia-se a produção de pautas jornalísticas a partir do local, expandindo para regionais, até as nacionais. Porém, nem sempre se chega até o internacional. Durante o curso, as disciplinas obrigatórias do currículo não abordam o jornalismo internacional, e nem como a produção jornalística internacional é realizada. Quando se observa o modo de produção internacional, o tradicional contato com a fonte, aproximação com o leitor, tem uma lógica diferente, pois se fala de lugares muito distantes. De modo geral, os cursos de Jornalismo e/ou Comunicação proporcionam o contexto geral da profissão e não é possível adentrar especializações da prática, como a apresentada.

A curiosidade sobre esta área do jornalismo internacional começou a partir do intercâmbio acadêmico que realizei pela Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM) no curso de Jornalismo da Universidad de Playa Ancha (UPLA), no Chile. Convivendo diariamente com culturas diferentes da minha, comecei a achar divertido em conversas cotidianas traduzir uma cultura para outra - exercício que é essencialmente realizado no jornalismo internacional. Cursei uma disciplina de Produção Radiofônica, em que produzi quatro episódios em áudio sobre cidades brasileiras que eu conhecia em diferentes regiões do país, e relatei estranhamentos e vivências no Chile. O processo de produção desse trabalho fez com que eu me entendesse como latino-americana, após perceber que venho de uma família da fronteira com a Argentina, em que o espanhol e português já se mesclavam. Ao encontro disso, curvei uma disciplina sobre América Latina que reacendeu minha paixão por história e geografia, e percebi que poderia aplicar à prática jornalística internacional. Após isso, fui para uma mobilidade acadêmica na Universidade Federal de Santa Catarina, onde curvei a disciplina de Jornalismo Internacional, e me aproximei um pouco mais de jornais internacionais e do trabalho de correspondentes internacionais.

Utilizei estes interesses pessoais em jornalismo internacional e América Latina para realizar pesquisas científicas sobre os temas. No primeiro estudo desenvolvido junto à professora Dra. Laura Storch, coletei notícias durante o mês de abril de 2018 nos jornais Estadão e Folha de S.Paulo nas editorias de economia, política e internacional sobre o que era falado a respeito da América Latina nestes jornais (SOUTO; STORCH, 2018). A partir desta pesquisa, comecei a acompanhar o noticiário internacional e os jornais internacionais que produzem notícias sobre o Brasil. Assim, realizei junto à professora Dra. Ada Cristina Machado da Silveira, uma pesquisa que mostra que a imprensa brasileira adotou uma linha editorial contrária ao governo vigente e aos movimentos sociais – considerando o período de

2013 a 2016 que foram analisados. Abriu-se um espaço para falar da perspectiva do que não era dito na mídia, e então, grandes jornais internacionais instalassem redações no Brasil. O diferencial é que estes jornais deixam de produzir apenas para fora, como as agências de notícias internacionais, e passam a produzir como um jornalismo local (COLLAR; SILVEIRA, 2019).

No processo da iniciação científica, teci críticas à forma com que o jornalismo internacional é formado, no contexto das agências internacionais no mundo, e como isso reflete na América Latina ser uma região sem tanta atenção dos noticiários. Assim, fiquei instigada a produzir um produto que pudesse contemplar as ideias de descentralizar o jornalismo internacional das grandes potências e mostrar mais aspectos políticos, econômicos e culturais da região.

Assim, pretendo entender como produzir conteúdos jornalísticos sobre diferentes países para um *podcast* sobre mulheres latino-americanas. Com essa finalidade, desenvolvi um *podcast* jornalístico para circulação na América Latina, com produção colaborativa de diferentes países que integram a região. Experimento, assim, as potencialidades de produção *cross-border* para a produção de conteúdos em diferentes países. Além de construir uma linha editorial de *podcast* jornalístico para a circulação na América Latina, e testar estratégias narrativas que considerem as diferenças linguísticas entre os países e as características da linguagem sonora.

O *podcast* “Latinas” será realizado em temporadas temáticas, sendo que neste Trabalho de Conclusão de Curso operacionalizamos um episódio piloto em português e espanhol e dois episódios da primeira temporada temática sobre o aborto na América Latina. Por questões de tempo de produção, e do conhecimento de idioma, optei pelos dois idiomas principais. Defini em cada episódio alguns países latino-americanos, que têm colaboradoras de El Salvador, México, Argentina, além do próprio Brasil. O “Latinas” está disponível, no momento da publicação do trabalho, no site do Laboratório de Experimentação em Jornalismo (LEX), no link: <<http://bit.ly/podcastlatinas>>. Após a publicação do presente trabalho, vamos disponibilizá-lo em outras plataformas de divulgação de produção de áudio digital, como o *Spotify*, *Sound Cloud*, *Ipodcast*.

Este trabalho está dividido como segue: além da introdução, trago o capítulo teórico dividido em dois eixos, um sobre América Latina e as mulheres latino-americanas, e o outro relacionado ao Jornalismo Internacional e a estratégia *cross-border*. Após isso, apresento o método experimental utilizado, as características da segmentação jornalística e do *podcast* como metodologias. Por fim, descrevo o produto e realizo a análise final.

2. MARCO TEÓRICO

O projeto experimental realizado está ancorado em discussões teóricas que envolvem a América Latina, o Jornalismo Internacional, Jornalismo Global e Jornalismo Colaborativo *Cross-border*. A primeira divisão do capítulo discute sobre as concepções geográficas, históricas e culturais da América Latina, apresentando as pesquisas de Darcy Ribeiro, Maria Celina Araújo e Nildo Ouriques¹, e também a visão do território pela imprensa internacional, segundo Ivan Bomfim e Francisco Sant'anna. Após, aplico o debate teórico apresentado para a delimitação de mulheres latino-americanas, a partir de relatório da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe, da Organização das Nações Unidas (ONU) e das questões sobre gênero e mulheres, com a Mariana Selister² e a Elaine Tavares³. Já na segunda divisão do capítulo, apresento as características do jornalismo internacional, segundo os estudos científicos de Ivan Bomfim, Pedro Aguiar e João Batista Natali. Após, diferencio e caracterizo o Jornalismo Global, segundo estudos de Peter Berglez, para, por fim, apresentar o jornalismo colaborativo *cross-border*, com os estudos científicos dos autores Brigitte Alfter e Stefan Cândia.

2.1. A AMÉRICA LATINA E AS MULHERES LATINO-AMERICANAS

A escolha de discutir a América Latina, no âmbito do jornalismo é realizada, pois considero que há uma lacuna na mídia tradicional de notícias sobre a região, visto que ela está ligada aos grandes monopólios midiáticos de regiões como os Estados Unidos e a Europa. A partir do entendimento das relações políticas e econômicas que envolvem esse território, inicio o trabalho a partir da percepção mais simples, a noção geográfica desse lugar.

Segundo a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (2019), a região inclui trinta e três países - do México até o extremo sul da Argentina, incluindo as ilhas do Caribe. Araujo (2006) considera que a América Latina é constituída por todos os países da América do Sul, América Central e Caribe, sendo o Rio Grande⁴ o marco que os divide da América do Norte. Ela também explica que o nome América Latina se deve ao fato de os países da região terem como idioma principal os que são originados do latim, como francês, espanhol e

¹ Professor do curso de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina e presidente do Instituto de Estudos Latino Americanos. Entrevistado para o *podcast* piloto Latinas.

² Professora dos cursos de Ciências Sociais e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria e pesquisadora dos Estudos de Gênero. Entrevistada para o *podcast* piloto Latinas.

³ Jornalista do Instituto de Estudos Latino Americanos e ativista feminista. Entrevistada para o *podcast* piloto Latinas.

⁴ Um dos maiores rios da América do Norte, que serve de fronteira entre os Estados Unidos e o México.

português. O Caribe inclui ilhas que tem como idioma o inglês, o que causa um estranhamento com o resto da cultura latino-americana. Apesar disso, neste local ficam países bem reconhecidos como latino-americanos, como, por exemplo, Cuba e Haiti, sendo que o primeiro tem como idioma principal o espanhol, e o segundo tem como idioma o francês e o *criollo*⁵. Para Nildo Ouriques⁶ (2019), a inclusão do Caribe se dá pelo fato das ilhas caribenhas terem uma história parecida e estarem também localizadas nos países abaixo da divisão dos Estados Unidos com o México (informação verbal). O continente tem dimensões territoriais muito vastas, e, por conseguinte, países muito distintos uns dos outros.

Darcy Ribeiro (1986) afirma que geograficamente é possível notar a unidade da América Latina, mas que essa unidade não significa a existência de uma “estrutura sócio-política unificada e nem mesmo uma coexistência ativa e interatuante” e que “toda vastidão continental se rompe em nacionalidades singulares” (RIBEIRO, 1986, p. 11). O autor ainda considera que a unidade geográfica nunca foi um fator de união, pois o período colonial fez com que os países latino-americanos ficassem ligados aos colonizadores, e desconectados entre eles. Assim, os países latino-americanos cresceram às sombras de grandes potências econômicas mundiais da época, e sem criar vínculo com os irmãos latino-americanos.

Apesar da grande desconexão ao longo do tempo, as culturas se desenvolveram de maneira simultânea, bem como muitos movimentos históricos. A língua pode ser uma das variáveis de conexão, e ao mesmo tempo de diferenças. A maioria dos países tem como idioma principal o espanhol, alguns inglês, outros francês e ainda o português.

Para Darcy Ribeiro (1986), a integração da América Latina se deu pelos países terem passado pelo mesmo processo civilizatório, a expansão bélica. Ele ainda reflete na época da publicação que “vivemos como se fôssemos um arquipélago de ilhas que se comunicam por mar e pelo ar e que, com grande frequência, voltam-se para fora, para os grandes centros econômicos mundiais, do que para dentro” (RIBEIRO, 1986, p. 11), o que ainda é uma realidade no presente. O autor acredita que é nítida aos outros países a relação do continente, que pode ser percebida nas heranças dos povos indígenas, africanos, e também a predominância das línguas de origem latina, principalmente o português e o espanhol. Entretanto, ele acredita que nós mesmos não enxergamos nossas semelhanças, por sermos um território tão complexo e com singularidades. A corroborar isto, Bomfim (2009, p. 1-2) afirma que “compartilhamos um espaço geográfico, mas não uma relação de trânsito cultural”.

⁵ Língua falada pelos haitianos que é baseada no francês.

⁶ Dados obtidos a partir de entrevista concedida na produção deste trabalho, Florianópolis, setembro de 2019.

Os países latino-americanos⁷ “experimentam processos político-econômicos semelhantes, a história recente dessas nações têm mostrado similitude de forma, causa e efeito” (SANT’ANNA, 2006, p. 6). Isso se evidencia pelo fato de que os países viveram ditaduras militares simultaneamente, a maioria tem como religião principal o catolicismo, os idiomas são originários do latim, e possuem diversidade étnica. Além do momento presente em que vivem os países da América Latina, com governos políticos em crise, a economia fragilizada, como são os casos da Venezuela, Argentina, Chile, e também o Brasil. Para Ouriques (2019)⁸ o cenário que se dá no continente são reflexos da cultura do imperialismo, na relação colônia e colonizador que ainda mantemos por meio de relações políticas e econômicas com os países de primeiro mundo, como Estados Unidos e países da Europa (informação verbal).

Do ponto de vista da mídia, o que se noticia sobre a América Latina não costuma trazer as semelhanças entre os países da região. Existe uma limitação de cobertura sobre os países. Pouco se fala em grandes veículos internacionais, e também nacionais, com profundidade sobre os países da América Latina. As notícias sobre os países da América Latina são “marginalizadas”, e geralmente carregadas de um “contexto sensacionalista, grotesco privilegiando o negativo” (SANT’ANNA, 2006, p.3), que fazem associações dos países vizinhos com o “narcotráfico, a ditaduras, terrorismo, corrupção escândalos, violência, crises sociais, políticas e econômicas” (SANT’ANNA, 2006, p.14). Piernes (apud BOMFIM, 2009, p.5) comenta que a falta de informação e conhecimento entre os latino-americanos sobre o próprio território, devido a esse processo midiático, faz com que “notícias exóticas” estejam nos meios de comunicação, e exemplifica o caso do jornal Folha de S. Paulo que em 1987, após uma partida de futebol entre Colômbia e Bolívia, os países foram apresentados como representantes das duas nações que mais exportam cocaína do mundo. Essa e outras matérias, que ainda são produzidas por jornais e agências internacionais, incentivam o preconceito entre os próprios países periféricos.

Para Sant’Anna (2006), o comportamento contrário a integração latino-americana editorial é sensível a linhas jornalísticas de grandes agências internacionais – as quais estão localizadas, principalmente, em países que detêm poder na economia e política mundial. No contexto privilegiado destes grandes veículos mundiais, os anseios políticos e econômicos dos mesmos são “contrários ou indiferentes à integração latino-americana” (SANT’ANNA, 2006,

⁷ A discussão apresentada a partir daqui até o fim desta sessão foi adaptada de trabalho científico paralelo, apresentado no 8º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores de Jornalismo, na Universidade Anhembi Morumbi e FIAM-FAAM, em São Paulo (SP), em novembro de 2018. Disponível em: <<http://bit.ly/2OYo470>>.

⁸ Dados obtidos a partir de entrevista concedida na produção deste trabalho, Florianópolis, setembro de 2019.

p. 3). O autor ainda critica que a globalização possui como estratégia o fortalecimento regional, mas que no caso latino, a mídia não considera como interesse público as informações sobre a América Latina, que proporcionaria o fortalecimento da identidade regional.

A Agenda 2030⁹ da Organização das Nações Unidas (ONU) propõe passos para o desenvolvimento sustentável dos países, e um deles é promover a igualdade de gênero. Desta forma, realizei um recorte temático das mulheres latino-americanas para falar de assuntos que integram a América Latina de maneira econômica, social, política e cultural. A Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) é o órgão responsável por verificar quais itens são necessários para chegar ao objetivo da agenda até 2030 no continente. Está ao encargo da Divisão de Assuntos de Gênero da CEPAL fiscalizar e produzir relatórios e estatísticas que tratam da realidade das mulheres latino-americanas.

Mariana Selister (2019)¹⁰ afirma que os relatórios e comissões internacionais são importantes instrumentos de conquistas de direitos para as mulheres (informação verbal). Eles são frutos de uma longa e constante luta do movimento de luta das mulheres, o feminismo. O primeiro tratado deste tipo foi a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW, sigla em inglês) aprovada em 1979 pela ONU, que foi assinada voluntariamente por muitos países, entre eles os da América Latina, e promove ações para pensar os direitos das mulheres.

As nomenclaturas das comissões internacionais abrem espaço para a discussão dos termos “gênero” e “mulheres”. Selister (2019)¹¹ afirma que a categoria gênero se torna consolidada na ciência, a partir do artigo de Joan Scott, em 1980, que fala de gênero como uma categoria de análise histórica que passa para várias áreas do conhecimento (informação verbal). Antes deste entendimento, o conhecido trabalho de Simone de Beauvoir, em 1940, já afirmava que “não se nasce mulher torna-se”. Ela diferenciou, na época, o conceito de macho e fêmea, de homem e mulher, sendo os últimos uma construção social. Segundo Selister (2019)¹², Joan Scott utilizou o conceito de gênero quando diferenciou sexo de gênero (informação verbal). O primeiro como a definição biológica, e o segundo como toda construção social e histórica em torno do que é ser mulher e ser homem na sociedade (SELISTER, 2019, informação verbal). A partir de 1990, o feminismo vai ser pensado no

⁹ Mais informações sobre o item de Igualdade de Gênero na Agenda 2030 da ONU disponível em: <<https://www.cepal.org/pt-br/node/43021>>

¹⁰ Dados obtidos a partir de entrevista concedida na produção deste trabalho, Santa Maria, outubro de 2019.

¹¹ Dados obtidos a partir de entrevista concedida na produção deste trabalho. Santa Maria, outubro de 2019.

¹² Dados obtidos a partir de entrevista concedida na produção deste trabalho. Santa Maria, outubro de 2019.

plural e incluir a diversidade sexual (SELISTER, 2019, informação verbal). Assim, inicia a categoria de feminismo de interseccionalidade – que considera a questão de gênero, de raça e sexualidade como diferenças de luta (SELISTER, 2019, informação verbal). Desta maneira se diferenciam as lutas das mulheres negras, das mulheres camponesas, incorpora-se a luta dos movimentos LGBT, entre outros (SELISTER, 2019, informação verbal). No âmbito acadêmico, são produzidos diversos conteúdos científicos que adentram as questões das mulheres e das diversas singularidades que existem nas diferentes lutas movidas dentro do que se denominam os Estudos de Gênero.

Entretanto, existem discussões sobre a utilização do termo gênero para falar de mulheres latino-americanas, já que as teorias destes estudos vêm de países desenvolvidos. Elaine Tavares (2019)¹³ trabalha com América Latina e considera que o termo gênero não deveria ser aplicado às mulheres latino-americanas, pois ela considera os estudos de gênero singularizam demais as diferenças entre as mulheres (informação verbal). Para a autora, o que está por trás das discussões, do que seriam as interseccionalidades, é a luta de classes (informação verbal). Sem este contexto de que todas fazem parte de um sistema, o capitalista, os estudos de gênero e as organizações internacionais, aliadas às grandes potências, acabam servindo de força favorável ao sistema opressor (TAVARES, 2019, informação verbal).

No presente trabalho, me deparei com o tema das mulheres como muito interessante para pensar uma produção jornalística dentro da América Latina, além de também ter percebido a lacuna de informação sobre na minha pesquisa teórica sobre o continente. Para elaborar a produção do produto, precisei entender o que são as mulheres e iniciei buscando pesquisas de gênero para ampliar minha visão sobre mulher. E assim, descobri que o campo dos Estudos sobre Gênero é bem amplo e diverso, sendo difícil o aprofundamento no tempo de produção e pesquisa deste trabalho.

Além disso, também percebi a opinião de ativistas feministas contrárias aos estudos acadêmicos de gênero, e que os percebem como teorias muito elitistas. Por isso, preferem utilizar apenas o termo mulher. Apresentei duas visões diferentes que utilizei para construir tanto o produto experimental, quanto este aporte teórico. Pelo lado acadêmico, entendo a relevância social e política de existir a categoria gênero, e pelo lado ativista feminista compreendo como as teorias podem estar distante da realidade de algumas mulheres, como as do campo, por exemplo. Como iniciante no assunto e aberta a novas descobertas de outras visões, decidi não assumir nenhuma das duas perspectivas apresentadas. Assumo a minha

¹³ Dados obtidos a partir de entrevista concedida na produção deste trabalho. Florianópolis, setembro de 2019.

escolha de tratar de mulheres latino-americanas, e utilizo este termo de forma mais simplificada para facilitar o entendimento dos ouvintes e leitores deste trabalho. A minha escolha por não escolher é também a escolha de permitir a diversidade, sem me fechar a um ideal político ou teórico limitantes. Permito que as diferentes visões se complementem ao longo da narrativa proposta e deixo em aberto para futuras opiniões distintas também.

Para a produção prática, utilizei como base relatórios da Divisão de Assuntos de Gênero das ONU, devido ao conteúdo disponibilizado sobre mulheres latino-americanas. SELISTER (2019) afirma que estes documentos são importantes instrumentos de luta social e política das mulheres, visto que refletem como os países estão se saindo na garantia de direitos femininos. No site da CEPAL ONU, na divisão de gênero, estão disponíveis textos de conferências e relatórios temáticos, como, por exemplo, de mulheres na política, migrantes mulheres, desigualdade salarial, e políticas reprodutivas para mulheres na América Latina. Ao ler brevemente alguns dos relatórios temáticos citados, percebi que os direitos reprodutivos sexuais são uma importante pauta, a partir do relatório da CEPAL ONU (2011). A garantia destes direitos promove a maior segurança de saúde das mulheres, dentre tantos outros direitos humanos.

Através de acordos internacionais, existe uma pressão internacional para que os países que se comprometeram no documento, cumpram o trato e modifiquem ou criem leis ou políticas favoráveis, como é o caso citado da Igualdade de Gênero da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Segundo a CEPAL ONU (2011), os países concordam em promover a saúde integral e os direitos sexuais das mulheres, através da revisão de leis punitivas contra as mulheres que cometem aborto, além de garantir a “plena realização dos direitos das mulheres e proteção da sua saúde, vida e dignidade” (ONU, 2011, p. 6), previstas em tratados como CEDAW.

No relatório sobre o aborto, são apontados dados sobre as legislações dos países latino-americanos, que vão desde a punição ao aborto, até alguns países com a lei mais flexível, na época em que foi produzido. Ao escolher esta temática como eixo da primeira temporada do *podcast* Latinas, foi necessário atualizar as mudanças de legislação que aconteceram. O que se pode notar é que na maioria dos países da América Latina em que era ilegal a prática do aborto, foram abertas exceções para casos como estupro, feto anencéfalo, e risco a saúde física e psíquica da mulher. Além disso, houve países em que passou a ser legalizado o aborto, como o Uruguai, Cuba e estados do México. A apuração destes dados foi realizada para a produção das pautas do *podcast*, e a definição dos países da América Latina foi essencial para atualizar os dados que estavam no relatório.

2.2. JORNALISMO INTERNACIONAL, GLOBAL E CROSS-BORDER¹⁴

O jornalismo atua como um potencial aliado para a organização social, pois a mídia é responsável por veicular alguns símbolos que representam culturalmente os indivíduos e a sociedade (BOMFIM, 2012). Devido a isso, o jornalismo pode funcionar como “uma das principais referências na construção social da realidade contemporânea” (BOMFIM, 2012, p. 31). Esta influência na sociedade se deve aos anos de construção de uma “legitimidade social”, que permite escolher e produzir para o público uma “reconstrução discursiva” do que acontece no mundo, baseado na fidelidade do relato jornalístico (FRANCISCATO *apud* BOMFIM, 2012, p. 31). O jornalismo pode ser entendido, portanto, como um ator social que movimenta limites e fronteiras - a partir da percepção dos fluxos informacionais globais, percebemos o surgimento do chamado jornalismo internacional.

Segundo Natali (2004), o jornalismo iniciou como internacional. No século XVII, eram produzidos folhetins informativos, em que a burguesia comunicava sobre o comércio exterior. Os folhetins eram produzidos nos Países Baixos, e o autor acredita que eles foram os embriões do jornalismo político e econômico internacional.

A confirmar, Aguiar (2008) sinaliza que grandes momentos históricos, como a Segunda Guerra Mundial, mostraram a necessidade da cobertura internacional para todos os países. No Brasil, a partir da política desenvolvimentista do governo Juscelino Kubitschek, que expandiu o comércio exterior, se viu a necessidade de noticiar também a economia internacional. O autor considera que de 1990 até hoje vivemos o pós-Guerra-Fria, e que a globalização facilita a interligação entre os países. Desde então, o jornalismo internacional colabora com a configuração de percepções sobre os países, a partir de suas lógicas de seleção de mais ou menos noticiáveis. Neste sentido, a construção do que será noticiado no dia a dia, a partir dos critérios de noticiabilidade, pode acontecer tanto a partir dos interesses de um país sobre seus próprios assuntos, quanto pelo interesse compartilhado entre países.

O jornalismo internacional mobiliza muitas percepções de mundo, e faz com que um imaginário social se torne real a partir da construção das notícias (BOMFIM, 2012). As notícias internacionais são diversas, e podem ser sobre economia, política e cultura. Dentro das estruturas de redação de grandes jornais e agências de notícias, que produzem conteúdos internacionais, alguns fatos, dentre tantos que acontecem todos os dias no mundo, são

¹⁴ Partes das discussões apresentadas neste entretítulo são adaptadas de pesquisas anteriores, realizadas pela pesquisadora com orientação da professora Dra. Ada C. M. Silveira. Os debates referidos foram apresentados em artigo científico no 9º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo, na Universidade Federal de Goiás - Goiânia, em novembro de 2019 e estão disponíveis em: <<http://bit.ly/38cwZcV>>. As discussões sobre jornalismo global e *cross-border* são originais.

escolhidos para virarem notícia. Nesta escolha, é essencial ao jornalista que entenda as entrelinhas e contextos da política e da economia mundial (NATALI, 2004). Visto que o jornalista que trabalha com assuntos internacionais necessita compreender conflitos e assuntos complexos de muitos países, pois as notícias internacionais são uma das formas de aproximar culturas distantes.

Bomfim (2012) considera que “caracteriza-se como internacional as notícias que chegam às empresas via agências noticiosas”. Agências internacionais são grandes responsáveis pelos fluxos de informação, e ao longo dos anos foram configuradas em áreas mundiais de atuação (BOMFIM, 2012). Em se tratando de jornalismo internacional, é impossível não falar sobre grandes agências internacionais, como *Reuters* e *Associated Press* (AP). As agências internacionais estão espalhadas pelo mundo, e são originárias, quase sempre, de países desenvolvidos. As agências estão sediadas principalmente em nações com grande poder econômico e político, assim, as notícias reforçam o entendimento da hierarquização de países (BOMFIM, 2012). Além das agências, também existem correspondentes internacionais de jornais que atuam como ponte de informação entre países, tais quais as agências trabalham, porém com mais limitação de cobertura.

O cenário do jornalismo internacional contemporâneo passa por discussões e mudanças. No contexto da globalização, as relações entre os povos, lugares e práticas se complexificam (BERGLEZ, 2008). O autor Berglez (2008) defende o conceito de jornalismo global, que ainda é pouco pensado na pesquisa científica e na prática. Para ele, as notícias globais vão além da dualidade tradicional de local e estrangeiro, caracterizada pelo Jornalismo Internacional. O autor considera que, pelas questões políticas e econômicas da globalização, algumas notícias dizem respeito a todo o mundo, ou pelo menos a uma grande região. Sendo assim, exemplos de assuntos de interesse global são o desmatamento na Amazônia, a crise na Venezuela ou a situação do Haiti pós-terremoto. A origem do jornalismo global surge da ideia de que as fronteiras de países, regiões e continentes tem a tendência a se apagar pela globalização (BERGLEZ, 2008), o que convida os fluxos de comunicação a serem globais.

A principal diferença entre o jornalismo internacional e o jornalismo global é que o primeiro recorta um acontecimento e separar em eventos, e o segundo conecta a sequência de processos envolvidos do acontecimento noticiado (BERGLEZ, 2008). Considerando isso, os textos noticiosos podem estabelecer relações “diacrônicas e sincrônicas” (BERGLEZ, 2008, p. 6). A partir da discussão proposta pelo autor, é possível pensar em exemplos: no caso das relações diacrônicas, que estabelecem a relação entre o presente e o passado, poderiam ser trabalhados a pauta de como a exploração colonial impactou no desmatamento da Amazônia

atual. Já no caso de relações sincrônicas, que conectam povos aparentemente desconectados nos tempos atuais, como, por exemplo, os povos indígenas da América do Sul.

Instigada pelo jornalismo global, pensei como seria interessante realizar o exercício de mostrar a união e as relações históricas dentro da América Latina. Mesmo assim, entendi que era muito difícil a viabilidade de produzir ignorando as limitações dos espaços geográficos, visto que, mesmo fazendo esforço para ser um produto latino-americano, este projeto experimental parte do lugar de fala e experiências de uma brasileira, e seria diferente se fosse de uma argentina, por exemplo.

Ainda considerando a rapidez dos fluxos informacionais globais na era digital, encontrei no jornalismo colaborativo *cross-border* o conceito teórico que viabilizou a produção jornalística do *podcast*. Ainda em um estudo muito recente, Alfter e Cândia (2019) afirmam que o *cross-border* é um método de produção jornalística, mas também um contexto e conceito científico. Para os autores, o jornalismo *cross-border* foi desenvolvido na era pós Guerra Fria, e seus primeiros exemplos surgem na tradição anglo-saxônica. Estes primeiros anos são o momento em que o jornalismo de dados começa a surgir, e na segunda metade dos anos 2000 várias experiências de jornalismo *cross-border* foram praticadas. Uma das mais conhecidas foi o *Panama Papers*, o histórico vazamento de dados sobre governos em diferentes regiões do mundo. Para o processamento do grande volume de informações foi necessário a colaboração entre grandes jornais como o *The New York Times* e *The Guardian* para traduzir, verificar e publicar os dados e informações a tempo.

Os autores elencam quatro características que definem o jornalismo colaborativo *cross-border*, são elas: a presença de jornalistas de diferentes países, uma ideia de interesse mútuo entre os jornalistas, reunir e compartilhar materiais e publicar para o próprio público. Neste tipo de produção, os autores afirmam que “as fronteiras são definidas como barreiras a serem ultrapassadas” (ALFTER; CÂNDEA, 2019, p. 3), incluindo a diversidade de idiomas, culturas e contexto sócio-político. Uma das principais características do jornalismo colaborativo *cross-border* é a construção de redes colaborativas de produção, ou seja, jornalistas ou pessoas de outros países que possam ajudar na apuração para um produto jornalístico que é pensado em todas as suas fases como internacional e pode circular da mesma forma no meio digital. Isso se justifica pelo acesso a este conteúdo de pessoas de várias partes do mundo interessadas no assunto.

A prática *cross-border* se assemelha muito ao trabalho de um correspondente internacional, ligado ao Jornalismo Internacional. Entretanto, não é apenas uma pessoa falando da realidade de vários outros lugares que nem sempre conhece, e sim uma pessoa do

próprio país falando da cultura local, além da ideia de troca de produções, e não uma pessoa ligada a uma empresa. Alfter e Cândea (2019) concordam com Berglez (2008) de que a sociedade estava em um momento de se descobrir conectada pela globalização, o que possibilita pensar os fluxos de informação mundial. Mas se diferencia no momento em que o jornalismo global pensa uma produção possível de ser realizada por uma só pessoa que desconsidera as limitações que o desconhecimento dos países e da experiência pessoal para traduzir um país ao outro, quando o jornalismo *cross-border* considera essas características e, por isso, propõem a produção colaborativa entre jornalistas de diferentes países.

Assim, me aproprio da noção para produzir uma experiência de produção colaborativa *cross-border* com jornalistas e estudantes latino-americanas, com vistas à produção de conteúdo sobre os países deste continente, em que o intuito final é promover essa integração dos mesmos. O *cross-border* acaba atuando como uma estratégia de contato com a cultura de outro local, apresentada de quem está no próprio país, e não um olhar de fora para dentro.

3. MÉTODOS E TÉCNICAS DE EXPERIMENTAÇÃO

3.1. MÉTODO EXPERIMENTAL

O presente trabalho é desenvolvido junto ao Laboratório de Experimentação em Jornalismo (LEX), coordenado pela professora Dra Laura Storch, e vinculado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria. A ideia de um projeto experimental no LEX é de aplicar as linhas fundamentais dos métodos experimentais em ciência, visto que “el experimento es la experiencia científica en que se provoca deliberadamente algún cambio y se observa e interpreta su resultado con alguna finalidad cognoscitiva” (GUTIÉRRES ARANZETA, 2006, p.28).

Assim, o desenvolvimento da experiência se dá pela decisão de testar a possibilidade de produzir conteúdos jornalísticos sobre diferentes países para um *podcast* sobre mulheres latino-americanas. Parto dos conceitos teóricos de jornalismo internacional, global e colaborativo *cross-border*, e também dos estudos sobre América Latina; junto a estes, considero as potencialidades e limitações técnicas do *podcast* como formato para o jornalismo; para então construir um exercício experimental de produção colaborativa *cross-border* de um *podcast* sobre mulheres latino-americanas para circulação nos países do continente. A validade do exercício está na tentativa de realizá-lo e descrever os processos, de modo a colaborar com os limites e potencialidades de cada um dos conceitos acionados.

3.2. JORNALISMO E SEGMENTAÇÃO

Para desenvolver o projeto editorial do produto experimental, propus explorar os critérios conceituais e técnicos da segmentação editorial – de modo a pensar sobre o que vamos falar e para quem. Mesmo que o produto desenvolvido seja de áudio, consideremos que no jornalismo, a área que melhor explica como desenvolver uma linha editorial segmentada de um produto jornalístico, seja qual for o formato, é o jornalismo de revista. Por isso, utilizamos conceitos técnicos de um produto impresso para aplicá-los ao áudio.

Fátima Ali (2009) considera que um dos aspectos mais relevantes na concepção de uma revista é segmentar o público leitor, conhecer com quem se fala, baseado em dados como idade, sexo, classe social, o que pensam, o que consomem, quais são seus hábitos. Informações assim permitem a criação de um perfil de leitor e favorecem a construção de padrões de leitores imaginados, nos quais os leitores reais poderão se reconhecer - visto que a

segmentação ajuda a construir intimidade do leitor com a revista. Neste caso, consideramos a ideia de ouvinte imaginado de um *podcast*. Segundo Ali (2009), quanto maior for a interatividade com o leitor (ouvinte), maior será a relação e consequente venda de revistas.

Partindo do conhecimento de mulheres de outros países da América Latina, e também do que sei sobre o continente tratado, é possível identificar algumas temáticas que podem ser de interesse comum, como, por exemplo, a política, a igualdade de gênero, saber quais direitos legais as mulheres de outros países do continente possuem ou não.

Na construção de uma linha editorial de um produto jornalístico os principais componentes são “a missão, o título e a fórmula” (ALI, 2009, p. 46). A missão é o “fio condutor, o que mantém o editorial nos trilhos, um guia ao longo da existência da publicação”. Isso faz com que quem produz e participa não se perca em temáticas ou pautas que não tenham a ver com o propósito do produto. A missão vai definir “o objetivo da revista, o público leitor, o tipo e a forma do conteúdo que vai concretizar a razão de ser” (ALI, 2009, p. 47). Aplicando este conceito à criação de um produto jornalístico em áudio, a missão do *podcast* Latinas é: “informar para jovens interessadas/dos/des em América Latina sobre a realidade das mulheres latino-americanas. E trazer a cada temporada uma nova temática sobre mulheres para mostrar as semelhanças e diferenças históricas, políticas, culturais e econômicas que existem entre os países do continente”. A utilização do “das/dos/des” foi uma forma de simplificar que o *podcast* é para todos interessados em América Latina, sendo o primeiro do gênero feminino, o segundo masculino e o terceiro para o gênero que a pessoa se identificar, sem a dualidade do feminino e masculino.

Já o título, para Ali (2009), não tem muitas regras, mas deve ser curto, dizer qual é o conteúdo e ser diferente dos concorrentes. Em se tratando de um *podcast*, o nome deve ser atrativo para que o ouvinte se atraia a escutá-lo. O “Latinas” foi pensado como um título curto, fácil de memorizar, e que é a mesma palavra em português e espanhol. Na pesquisa realizada na produção deste trabalho (quadro abaixo), no *Spotify* e *Ipodcast*, mapeei outros *podcasts* temáticos de América Latina e produzidos por mulheres latino-americanas, e não havia nenhum nome igual ao escolhido.

Figura 1 – Tabela de *podcast*

NOME	CONTEÚDO	PAÍS DE ORIGEM
Latina to Latina	Mulheres latinas em ascensão na área da tecnologia, negócios, artes e outras áreas possíveis.	Estados Unidos

Latinxs Therapy	Saúde mental relacionado a individualidades de latinas e latinos para desmistificar mitos sobre diagnósticos que traz profissionais latinos da área para falar.	Mulheres migrantes latinas nos Estados Unidos
Latina Theory	Eventos, raça, gênero, educação, fofoca e música. Feito por mulheres que falam espanhol e inglês.	Estados Unidos
Rádio Ambulante	<i>Podcast</i> narrativo que conta histórias da América Latina em espanhol e trabalha características de crônica em áudio.	Estados Unidos
Brasil Latino	Programa de rádio que fala sobre América Latina, a partir da produção acadêmica da Universidade de São Paulo, com temas da atualidade e da história do continente, nas diferentes áreas do conhecimento.	Brasil
Brasil – América Latina	Reportagens sobre fatos políticos, sociais, econômicos, científicos ou culturais, ligados à realidade local ou às relações dos países com o Brasil.	Brasil
Janela para a América Latina	Fatos atuais, música, literatura e cultura em geral dos países da América Latina	Estudante colombiano no Brasil

Além disso, a fórmula editorial é como o produto vai ser montado, em número de páginas, quanto de conteúdo, anúncio, colunas, matérias e a disposição destas em cada edição (ALI, 2009). Este também é o momento de definir os conteúdos da revista ou produto jornalístico e a periodicidade. No contexto das revistas, Ali (2009) discute a pertinência de que a relação entre conteúdos e periodicidade seja tal que, no período de doze meses pelo menos, a revista não repita um mesmo tema. Seguindo a lógica, e aplicando ao *podcast*, definimos o tempo médio de duração de cada episódio entre 20 e 25 minutos. O “Latinas” vai ser dividido em temporadas temáticas, as quais terão, em média, quatro episódios. Cada episódio vai tratar de um assunto mais específico e falar de pelo menos dois países da América Latina – de preferência que não se repitam países na mesma temporada.

Outro aspecto definidor para a revista são os elementos estéticos. No caso da revista, as imagens, ilustrações, capas e chamadas que sejam atrativas aos olhos vão ser definidoras da compra ou não do produto. Já neste projeto experimental, vou explorar a estética a partir da produção sonora. Utilizo recursos como trilha, recortes de áudios de manchetes de televisão e rádio e áudios de protestos relacionados às pautas. Além disso, pretendi causar o estranhamento no ouvido de quem está escutando em um idioma, e espera que os conteúdos sejam traduzidos, visto que deixo as sonoras no idioma em que foram gravadas.

Os *podcast* com versões em espanhol e português foram uma escolha para promover acessibilidade para o maior público no continente, mesmo que a tradução de idioma se dê apenas na minha locução. Acredito que coexistir estes idiomas em um só produto jornalístico faz com que exista uma tentativa de aproximação com o outro idioma, e acaba mostrando que não são tão diferentes assim. A proximidade de palavras, devido à mesma raiz linguística do latim, mostra um dos traços culturais em comum da América Latina, e promove mais um elemento de união através do som.

Por fim, Ali (2009) explica que o que vende a revista é a capa, e, apesar de não utilizar o formato revista, na hora de escolher um *podcast*, em uma plataforma como o *Spotify*, por exemplo, a imagem da marca é o que vai chamar a atenção do ouvinte no primeiro momento. Para depois entrar na página, e ler a descrição sobre o produto. Por isso, com as limitações técnicas e de conhecimentos sobre marca, desenvolvi uma para o “Latinas”, que une o mapa da América Latina e a face de uma mulher, que são as temáticas do *podcast*. A montagem foi realizada no *Canva*, site de produção de design digital, onde encontrei a imagem da mulher pronta e uni ao meu desejo de utilizar o mapa da América Latina, que também encontrei a imagem que possibilitava utilizar as cores que desejava. Utilizei o colorido com cores quentes e uma fria para representar o continente que tem tanta diversidade cultural, a variedade de cores me parecem ser uma boa forma de representá-lo. Segue abaixo a marca do “Latinas” pronta (figura 2).

Figura 2 – Marca do *podcast* Latinas



3.3. O RÁDIO E OS *PODCASTS*

O produto experimental desenvolvido tem formato *podcast*, que é um termo recente e que está em alta nas produções jornalísticas. Eles podem ser definidos como “uma prática de distribuição de conteúdos digitais, tradicionalmente associada a produções sonoras” (VICENTE, 2018, p. 1).

Tradicionalmente, os conteúdos em áudio no jornalismo são ligados ao rádio. Para Débora Lopez (2010), a tecnologia provocou algumas mudanças na forma de entender o rádio, visto que podem atuar na “revisão e de reestruturação do rádio”. Ferramentas tecnológicas, como o celular, promovem a agilidade de apuração e produção, além da divulgação dos programas radiofônicos em plataformas como o *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. Para Lopez (2010), o rádio sempre foi um meio de interatividade com o ouvinte, via telefone, por exemplo. Com a internet e a expansão para outras plataformas digitais, a interatividade e proximidade com o ouvinte aumentaram ainda mais. A autora afirma que o

rádio no contexto da internet adéqua as rotinas e narrativas às possibilidades que existem neste espaço.

Lopez (2010) propõe o conceito um rádio hipermidiático que “não se trata da desconfiguração do jornalismo de rádio” mas sim “do uso das ferramentas multimídia e da produção multiplataforma (LOPEZ, 2009b) como uma complementação ao conteúdo”. Segundo a autora, o rádio permanece sendo fundamental por “aliar suas características iniciais – de mobilidade e factualidade – com as geradas pelas inovações tecnológicas, como a narrativa multimídia e a produção e transmissão multi-plataforma” (LOPEZ, 2010, p. 123-24). A autora considera que o rádio hipermidiático proporciona novos formatos, dentre eles o *podcast*, que para ela pode ser “utilizado para produções sonoras inéditas e desenvolvidas especificamente para o suporte web”, ou então “para a disponibilização de arquivo/memória do conteúdo sonoro divulgado pela rádio” (LOPEZ, 2010, p. 127).

No início das produções, ainda em 2004, o chamado *podcasting* estava muito ligado ao consumo por RSS (Really Simple Syndication), que permite aos ouvintes fazer uma assinatura do conteúdo para posterior *download* (VICENTE, 2018), a lógica era de baixar os áudios da internet. Segundo Eduardo Vicente (2018), com o avanço da tecnologia e a popularização dos *smarthphones*, o *streaming* tomou o lugar do RSS, e fez com que o consumo fosse muito mais online e momentâneo.

O *podcast* também carrega um papel social, pois promove “a possibilidade de gerar e distribuir conteúdos livremente e de poder optar por uma oferta mais variada e menos centrada nos grandes grupos de comunicação” (GALLEGO PEREZ apud VICENTE, 2018, p. 7). Atualmente, é possível encontrar desde conteúdos caseiros, até profissionais em uma das maiores plataformas de áudio digitais do momento, o *Spotify*. Lá é possível “seguir” os *podcast* de interesse, e o mesmo fica ligado ao perfil da pessoa, ela pode escutar naquele momento, depois ou inclusive baixar para escutar *offline*.

A escolha pelos *podcasts* se justifica por facilitar a produção dos conteúdos, ainda mais trabalhando com colaboradores de outros países. Gravar um áudio e enviar pelo *whatsapp* permite ouvir a voz da pessoa em outro idioma, o que causa a ideia de proximidade. Além da possibilidade de construir uma narrativa sonora junto a outros recursos. Vicente (2018) afirma que o *podcast* vai além do som, é possível associar a “elementos textuais e visuais que os tornam mais atraentes e fornecem informações adicionais sobre o seu conteúdo” (VICENTE, 2018, p. 4).

3.4. ETAPAS DO PROCESSO EXPERIMENTAL

Para desenvolver este produto, inicialmente mapeei notícias sobre América Latina, a fim de identificar padrões de noticiabilidade jornalística. Além disso, também procurei projetos independentes que falam sobre a América Latina, como o perfil do *Twitter* do “O Latinoscópio¹⁵” e o “Giro Latino¹⁶”, que também produz uma *newsletter* semanal sobre as principais notícias do continente. Ambos os projetos são brasileiros. Escutei *podcasts* temáticos do continente, que são produzidos em diferentes países, como o “Latina to Latina¹⁷”, “Rádio Ambulante¹⁸”, “Brasil Latino¹⁹”, para pensar uma narrativa em áudio que fosse atrativa do ponto de vista sonoro, e com diversidade de vozes.

A segunda etapa foi de experimentação, quando construí a linha editorial de um produto de jornalismo internacional *cross-border* com foco na América Latina. Para isso, como já foi debatido anteriormente, é utilizado o jornalismo de revista para pensar a linha editorial e o recorte temporal em que os *podcasts* serão desenvolvidos, segundos os conceitos de Ali (2009). Já na produção de conteúdo *cross-border*, sigo o conceito de rede de contatos, de Alfter e Cândia (2019), e encontro mulheres jornalistas e da área da comunicação que produziram conteúdo para o *podcast* sobre os seus países de origem. Com a intenção de ampliar o público ouvinte, gravo versões da locução dos *podcast* em espanhol e português, mas mantenho as sonoras de cada episódio em ambos os idiomas. Neste trabalho apenas o episódio piloto tem as versões nos dois idiomas, devido ao tempo de produção.

Como última etapa, reflito sobre como produzir um *podcast* sobre América Latina para ser consumido em diferentes países, além de também debater sobre o *cross-border* como estratégia de produção jornalística internacional. A construção da linha editorial com um público de múltiplas nacionalidades, considerando o interesse pela América Latina, será

¹⁵ Iniciativa independente que acompanha o noticiário da América Latina reproduzindo e produzindo conteúdos em *tweets*. Produzido pelos jornalistas Vitor Magalhães e Julia Stallone. Disponível em: <<https://twitter.com/olatinoscopio>>.

¹⁶ Produção do jornalista Lucas Berti, que iniciou com *threads* semanais no *twitter* sobre os principais assuntos de cada país da América Latina. Posteriormente, virou uma *newsletter* semanal. Disponível em: <<https://twitter.com/girolatino>>.

¹⁷ Podcast norte-americano sobre mulheres latinas em ascensão na área da tecnologia, negócios, artes e outras áreas possíveis. Produzido pela jornalista Alicia Menendez, a produtora de áudio Maria Murriel e Juleyka Lantigua-Williams, fundadora da Lantigua Williams & Co, companhia de produção digital para produtores de áudio e vídeo. Disponível em: <<https://www.latinatolatina.com/about-1>>.

¹⁸ Podcast narrativo que conta histórias da América Latina em espanhol e trabalha características de crônica em áudio. A produção é realizada por 21 pessoas da equipe. Os episódios são reproduzidos na Rádio Pública dos Estados Unidos, a NPR, e também através do site. Disponível em: <<https://radioambulante.org/sobre-nosotros>>.

¹⁹ Programa de rádio produzido e apresentado pelo jornalista Marco Paiva. O programa fala sobre América Latina a partir da produção acadêmica da Universidade de São Paulo, com temas da atualidade e da história do continente, nas diferentes áreas do conhecimento. É reproduzido pela Rádio USP, e fica disponível em: <<https://soundcloud.com/brlatino>>

debatida. E por fim o formato em *podcast*, que viabiliza o acesso e a produção de conteúdos internacionais, será debatido descrevendo a eficiência e as limitações do áudio para a construção deste produto.

4. O PRODUTO

O *podcast* “Latinas” foi desenvolvido para tratar de temáticas relacionadas às mulheres na América Latina e para circulação no continente. O projeto foi desenvolvido para os *podcasts* serem realizados em português e espanhol. O primeiro episódio produzido apresenta a linha editorial e o propósito do trabalho em ambos os idiomas. Já os outros dois episódios fazem parte da primeira temporada temática sobre o aborto na América Latina. As gravações dos episódios deste *podcast* foram realizadas no celular, utilizando um cobertor para isolar os ruídos externos. As fontes foram contatadas, em grande maioria, via contato pela internet e entrevistas realizadas pelo *whatsapp*. As únicas que foram entrevistas presenciais são as apresentadas no episódio piloto. As edições de cada episódio foram feitas por mim, com a ajuda de colegas do jornalismo. Utilizei uma trilha sonora que criei com base em uma música, além de gravações em áudios de noticiários sobre os temas que abordei que estavam disponíveis no *Youtube*. O “Latinas” está disponível, no momento de publicação do trabalho, no site do Laboratório de Experimentação em Jornalismo (LEX), no link: <<http://bit.ly/podcastlatinas>>. Posteriormente, pretendo disponibilizá-lo em outras plataformas de áudio digital.

4.1 EPISÓDIOS PILOTO – PORTUGUÊS E ESPANHOL

Este episódio tem como proposta apresentar o *podcast* e a linha editorial que sigo. Inicialmente, trato da temática da América Latina para compreender o território que abordarei. Após, parto para a discussão de gênero e das mulheres latino-americanas. Irei descrever a produção do episódio em três tópicos: apuração, escrita do roteiro e gravação e edição de áudio.

a) Apuração

O processo de apuração jornalística para este episódio fez parte do meu processo de busca e descobertas sobre o trabalho de conclusão de curso. Descrevo como meu estranhamento viajando para fora da América Latina me fez perceber o continente que eu vivia como parte de quem eu era também. Eu já acompanhava alguns projetos brasileiros que falam sobre América Latina, como o *Latinoscópio*, no *Twitter* e o *Giro Latino*, *newsletter* e *Twitter* também. No último, semanalmente tem uma “*thread*”²⁰ dos principais acontecimentos de cada país, e em uma delas eu li a notícia sobre a Evelyn Hernández - uma mulher de El

²⁰ Em tradução para o português: fio. São informações em vários *tweets* que constituem uma sequência de informações sobre determinado assunto.

Salvador que teve um aborto espontâneo aos nove meses e foi condenada a prisão por três anos. Eu já queria fazer um produto experimental sobre América Latina, e conversando com minha orientadora, pensamos que fazer *podcasts* sobre a questão do aborto da América Latina era, do ponto de vista jornalístico, bem atual e com bons ganchos, visto que em 2018, ano anterior à elaboração desse trabalho, a Argentina teve uma grande movimentação pela legalização do aborto. Comecei então a procurar órgãos oficiais da América Latina que pudessem ter informações e dados sobre os países. Encontrei o site a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), órgão vinculado à Organização das Nações Unidas (ONU) e que tem comitês temáticos. Como estava procurando dados sobre a legalização do aborto, acessei o link da Divisão de Assuntos de Gênero. O relatório “Una mirada analítica a la legislación sobre interrupción del embarazo en países de Iberoamérica y el Caribe” traz informações sobre a legislação de cada país latino-americano, porém, por ser muito antigo, eu precisava atualizar os dados. E pra isso, eu precisava saber exatamente quais países faziam parte da América Latina. Verifiquei cada país para ter certeza se faziam parte da América Latina, e fiquei intrigada com ilhas caribenhas, que inclusive falam inglês. Então, para atualizar os dados eu precisava verificar quais países faziam parte desse território.

Para compreender melhor os assuntos tratados, entrevistei especialistas. Para falar sobre quais países fazem parte da América Latina e porque o Caribe se integra à região, entrevistei o Nildo Ouriques, professor de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina e presidente do Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA). Como já tinha ideia de trabalhar com mulheres na América Latina, conversei com ele sobre o assunto e, devido à minha visita ao IELA, pude conhecer a Elaine Tavares, jornalista do instituto, que conversou sobre a visão dela das pesquisas de gênero que estudam mulheres na América Latina. Compartilhei também o incômodo que eu tinha sobre não ler história de mulheres em livros, nem autoras falando sobre América Latina e perceber que não era só uma percepção minha. A partir disso, comecei a procurar mais informações sobre gênero, e percebi a complexidade do assunto.

Para entender sobre os estudos de gênero e também das comissões internacionais de gênero que estão surgindo em grandes órgãos oficiais, entrevistei a Mariana Selister, professora de Ciências Sociais e Relações Internacionais na Universidade Federal de Santa Maria. Ela enviou áudios via *Whatsapp* respondendo às questões propostas.

Após isso, utilizei dos argumentos das entrevistas para construir a ideia da linha editorial de meu *podcast* de que não assumir posição em relação ao movimento feminista ou estudos de gênero acadêmicos, pois acho que ambos podem colaborar em momentos e

ambientes diferentes. Por fim, conforme fui descobrindo a narrativa que eu queria trazer para o *podcast*, relembrei algumas histórias do meu intercâmbio que poderiam ser contadas pelas próprias pessoas que viveram elas junto comigo. Assim coloquei a voz da Magdalena Estrada, amiga argentina que conheci no intercâmbio na Universidad de Playa Ancha, no Chile, que faz parte de uma das histórias que utilizo para falar sobre diferenças culturais entre países latinos e servem para dar uma narrativa mais leve às questões históricas do continente. Comento sobre a comemoração da independência da Argentina entre os argentinos que conheci, e peço para ela contar sobre os doces que são feitos para comemorar a data e porque eles têm este costume. A partir desta discussão, relembro em áudio uma conversa que tive com outro colega de intercâmbio, o Lucas Samuel, brasileiro e que se formou em História. Pedi para ele falar sobre os processos de independência na América Latina e como ele percebe a diferença de comemoração no Brasil frente a outros países. Estas entrevistas foram realizadas via *Whatsapp* simulando as conversas que tivemos durante o intercâmbio, dois anos antes da realização deste trabalho.

b) Roteiro e Gravação

Cabe destacar que meu processo de escrita do roteiro foi bem longo. Apesar de trabalhar com rádio durante a faculdade, senti dificuldade de construir uma narrativa longa e contínua com as entrevistas que eu tinha. Percebi que minhas histórias poderiam servir para gerar uma narrativa e ir abrindo janelas para as entrevistas. Porém, por muitas vezes, tive dúvidas do quanto deveria me colocar nos relatos, mas acabei vendo que um projeto que saiu de tanto envolvimento meu com o assunto, não teria porque me deixar de fora. Escolhi trazer a narrativa de construção do *podcast*, primeiro para testar o formato e todo processo de tradução e construção de narrativa, e também porque o processo de apuração foi rico em informações, do que é a América Latina, com as questões geográficas, históricas e culturais, e também sobre abordar ou não questões de gênero (questões trabalhadas no aporte teórico deste trabalho).

Após a escrita do roteiro, comecei a pensar quais efeitos de áudios poderia colocar. O meu processo de escrita no início não considerou ainda como poderia incluir efeitos. Então, depois de pensar como utilizar os áudios para complementar a narrativa, reescrevi e ordenei os assuntos novamente. Os roteiros dos episódios piloto em português e espanhol estão disponíveis nos Apêndices A e B do trabalho.

c) Edição de áudio

A trilha sonora foi difícil de pensar, pois não poderia ser uma trilha muito alegre, nem tão melancólica. Testei algumas da biblioteca do *Youtube*, mas não funcionaram. Percebi o quanto era difícil caracterizar a América Latina em sons. Escutei a música Miss Beleza Universal, da cantora Bia Ferreira, e gostei da introdução. Utilizei-a como base para a criação da trilha, e utilizei alguns efeitos para as quebras de assuntos. Inseri trechos de manchetes de jornal, buscando dinamizar vozes, e também alguns pedaços de músicas e protestos relacionados aos temas. A edição do primeiro *podcast* em português foi realizada inteiramente por mim, e a versão em espanhol pela colega Caline Gambin.

d) Tradução

Fiz a tradução do episódio depois de já ter escrito o roteiro e gravado o episódio em português. Assim, percebi que ao escrever o roteiro em português, eu não havia considerado a tradução. Utilizei frases muito longas, que quando passadas para o espanhol ficam mais difíceis de narrar. Já no início do texto, em que eu utilizo histórias em “portunhol”, tive que arrumar uma nova forma de contar ela para que causasse o mesmo estranhamento que causa quando se escuta em português. Em outro momento do texto, utilizo a expressão “pulga atrás da orelha”, e percebi que era uma expressão brasileira, e que eu precisava sinalizar isso. Essa situação pode ser vista como uma potencialidade de troca cultural, visto que incentiva aos ouvintes contarem como é a expressão nos países de origem. Ao gravar o *podcast*, também percebi que quanto mais texto, mais difícil é a tradução. Nos episódios seguintes, resolvi utilizar menos textos e mais entrevistas e recursos de áudio. Além disso, percebi que o ritmo da narração é mais lento, o que faz o *podcast* ficar mais longo.

4.2. TEMPORADA SOBRE O ABORTO NA AMÉRICA LATINA

A primeira temporada do “Latinas” foi pensada para ter quatro episódios, sendo os dois primeiros produzidos neste trabalho e os dois últimos planejados como futuras pautas. Utilizo como eixo de união entre os dois primeiros episódios a legislação sobre o aborto nos países da América Latina, dividindo o primeiro para falar dos casos em que o aborto é ilegal e criminal. E o segundo para falar sobre movimentos que impulsionam a legalização do aborto nos países e também aqueles em que a prática é legalizada. O terceiro discutiria as questões morais que envolvem a legalização do aborto, e o quarto sobre a influência da religião nas decisões legais. No presente trabalho descrevo o processo de produção dos dois primeiros episódios da temporada,

4.2.1. Episódio 1 - Do ilegal ao criminal

Neste episódio, inicio a discussão da legislação sobre o aborto na América Latina. Parto de um relato de uma mulher que abortou no Brasil, para discutir os países onde é ilegal a prática e a clandestinidade associada ao ato, e vou até o extremo em que todos os casos de aborto são ilegais, trazendo um caso de El Salvador, e a discussão deste tipo de lei e seus efeitos. Descrevo a produção a partir de três fases: apuração, roteiro e gravação, e edição de áudio.

a) Apuração

Defini as legislações do aborto na América Latina como um termômetro, que vai de um extremo ilegal para qualquer caso, passa por ilegal com exceções e vai até o extremo legalizado. Neste episódio parto dos casos ilegais com exceção em casos de estupro, feto anencéfalo, e risco à saúde da mulher, contando um case brasileiro, e vou ao extremo ilegal do caso de uma mulher que teve um aborto espontâneo aos nove meses e foi condenada à trinta anos de prisão.

Para desenvolver este episódio, senti que precisava de um relato para sensibilizar o público ao assunto, e devido a ser uma questão tão delicada, parecia difícil alguém de outro país confiar em mim para contar sua história. Por isso, resolvi iniciar a apuração no Brasil, já que o país se encaixa nos casos ilegais com exceção. Também encontrei dados da ONG

*Women on Waves*²¹, que informam que a organização não realiza mais viagem Brasil, pois a fiscalização é muito rígida. Assim, conversei com a Luana Silva²², que contou a história dela e a decisão por abortar. Acredito que em um exercício internacional é difícil individualizar um assunto tão grande, mas a humanização de um relato ainda me parece a maneira mais adequada de tratar um assunto delicado. Mesmo assim, uso o relato dela como o princípio para uma discussão maior. Uso dados oficiais sobre o Brasil e o mundo para mostrar a realidade mais expandida.

A partir da produção colaborativa com Amália López, estudante de Comunicação da Universidad Nacional del Cuyo (UNCUYO), de Mendoza, Argentina, consegui o contato com duas fontes especializadas ligadas à Campanha Nacional pelo Direito ao Aborto Legal. A Cláudia Azorena é socióloga e investigadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas, o CONICET, da Argentina. Ela é especialista em políticas públicas para os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. Neste episódio ela fala sobre a relação das políticas públicas com a garantia da saúde da mulher e conhecimento sobre a educação sexual. Já a Mariana Rélen é advogada feminista da Campanha Nacional pelo Direito ao Aborto da Argentina. No episódio ela explica questões ligadas às leis de aborto, em especial uma crítica à criminalização do aborto, além de ampliar a discussão para o nível social, falando como as leis refletem a desigualdade social. As duas entrevistas foram utilizadas como fontes especializadas no assunto, não ligadas, necessariamente, ao país de origem. A Amália López realizou o primeiro contato com elas e avisou que eu entraria em contato. Mande para as entrevistadas um breve resumo sobre a ideia do *podcast*, com instruções para gravação, como gravar em local silencioso, falar mais devagar, considerando que também será ouvido por pessoas que falam português, as perguntas da entrevista e um indicativo de apresentação padrão dizendo o nome, profissão, de que país fala e sobre o que vai falar. O roteiro enviado para todas as colaboradoras está no Apêndice C do trabalho. As entrevistas foram realizadas via *Whatsapp*.

A parte da apuração mais difícil foi encontrar a colaboração de alguém de El Salvador, me pareceu um grande reflexo do pouco que eu conheço do país. A partir da história da Evelyn Hernández, busquei informações sobre a legislação que criminaliza a prática do aborto. Procurei notícias, jornais do país e iniciativas que pudessem ter alguém para colaborar com o meu trabalho. Inclusive tentei ligar para a universidade da capital do país e não

²¹ Organização sem fins lucrativos da Holanda realiza procedimentos de aborto em alto mar, pois em águas internacionais, as leis que valem são as do país originário da embarcação. Na Holanda, o aborto é permitido até a 22ª semana de gestação da mulher.

²² Utilizo o nome fictício em respeito ao pedido da fonte.

consegui. Quando já estava desistindo e recorrendo à relatórios da Anistia Internacional²³ e as gravações de notícias que consegui, encontrei o “Temporada de Leonas²⁴”, uma iniciativa de *podcast* sobre mulheres em El Salvador que falava sobre o caso de Evelyn. Entrei em contato pelo perfil do *Instagram* do *podcast* e consegui contato com a jornalista entrevistada no episódio. Metzi Mértel foi a colaboradora de El Salvador que contou sobre a história da Evelyn e sobre a legislação e realidade das mulheres que abortam no país. A entrevista também foi realizada via *Whatsapp* com o mesmo roteiro padrão que enviei para as entrevistadas argentinas.

b) Roteiro e gravação

Neste episódio eu precisava começar a me tirar da narrativa que foi o fio condutor do episódio piloto. Para isto, expliquei no *podcast* que não iria mais contar as minhas histórias, e sim apresentar a voz de outras mulheres latino-americanas. A partir deste roteiro comecei a criar minha própria metodologia para escrever o roteiro, que tanto sentia dificuldade. Escutei todos os áudios que tinha até o momento e já fui editando e salvando em diferentes arquivos, nomeando os assuntos que as entrevistadas falavam. Após isso, procurava dados oficiais dos países citados e mundiais para criar uma linha de raciocínio na narrativa. Utilizei a ideia do termômetro para explicar a troca do ilegal com exceções para o completamente ilegal, na tentativa de facilitar a linguagem da legislação. Procurei diminuir um pouco das minhas falas, devido à percepção anterior de que é mais difícil para a tradução posterior. Entretanto, foi mais fácil resumir algumas propostas de entrevistas e dados em trechos curtos de falas minhas. Neste episódio também iniciei um padrão de sempre apresentar brevemente a discussão do próximo episódio no final, junto a efeitos sonoro. Diferente do episódio piloto, neste iniciei escrevendo e pensando como poderia incluir efeitos sonoros. O roteiro deste episódio está na íntegra no Apêndice D.

c) Edição de áudio

Neste episódio iniciei o padrão, que pretendo continuar utilizando, de apresentar junto à minha voz, as sonoras de apresentação padrão que enviei para as entrevistadas e colaboradoras. A ideia foi de mostrar já no início quais vozes vão contar as histórias. Além

²³ Movimento global que realiza ações e campanhas para que os direitos humanos internacionalmente reconhecidos sejam respeitados e protegidos

²⁴ Iniciativa criada, para discutir temas ligados à mulheres, feminismos e jornalismo. A produção é realizada por Laura Aguirre e Caro Bodewing, duas jornalistas de El Salvador. O *podcast* é ligado à Revista Factum, revista digital de jornalismo de profundidade.

disso, continuei utilizando manchetes de jornais para introduzir os ganchos de notícias que utilizei para montar a pauta. A trilha utilizada permaneceu a mesma que construí como padrão. No final, utilizei gritos de protesto pela legalização do aborto que indicam o assunto do próximo episódio. O roteiro que escrevi foi enviado para que minha colega Caline Gambin pudesse realizar a edição com toda estrutura que pensei.

4.2.2. Episódio 2 - Da luta à legalização

Neste episódio, parto novamente da legislação sobre o aborto na América Latina. Início contando o caso da Argentina, em que a lei permite o aborto somente em alguns casos, mas que em 2018 ficou conhecida pela grande mobilização da Campanha Nacional pelo Direito ao Aborto. Desta perspectiva de mobilização para a legalização, parto para o exemplo da Cidade do México e o estado de Oaxaca, no México, em que o aborto é legalizado. Discuto a importância da legalização do aborto, a influência política nesta decisão e como funciona o sistema que permite que as mulheres abortem. Descrevo a produção em três fases: apuração, roteiro e gravação, e edição de áudio.

a) Apuração

Neste episódio contei novamente com a produção colaborativa de Amália López, estudante de comunicação da Argentina, que realizou uma entrevista com a Júlia López, editora de gênero dos meios de comunicação da Universidad Nacional de Cuyo (UNCUYO) e ativista feminista pela Campanha Nacional pelo Direito ao Aborto da Argentina. Enviei para a Amália as indicações de gravação, ideias de pergunta e o modelo padrão de apresentação para que ela enviasse à Júlia. Após isso, ela me enviou os áudios, via *Whatsapp*, da entrevista realizada. Esse foi o caso mais completo de jornalismo *cross-border* do trabalho, visto que ela entrevistou alguém baseada nas minhas demandas. Nos outros casos, ela apenas me repassou o contato. A ideia das redes colaborativas de *cross-border* é a produção inteira ser feita pela pessoa colaboradora, mas considerando as demandas pessoais e profissionais, é difícil que o processo seja completo. Continuei utilizando a socióloga Cláudia Azarenha e a advogada Mariana Rélen como fontes oficiais, pois as falas delas são a continuação do pensamento sobre a legalização do aborto na América Latina. A Cláudia comentou a relação do aborto, como uma prática individual, com a política de um país. E a Mariana explica, do sentido das leis, porque faz sentido legalizar a prática do aborto.

A ideia de tratar do México como um país em que alguns estados são legalizados surgiu porque na época da apuração, o estado de Oaxaca legalizou o aborto. Até então, apenas

na capital, Cidade do México, era permitido. Comecei a buscar referências e possíveis fontes no *Twitter* e *Instagram*. Encontrei o perfil do *Instagram* “Clínicas Aborto Legal”, uma plataforma digital criada para encontrar clínicas de aborto confiáveis no México. O site também informa sobre as leis internacionais do aborto, quais métodos são possíveis e ainda informações de educação sexual. Conversei com o perfil do *Instagram*, expliquei a ideia do meu *podcast* e perguntei se tinha alguém que poderia ser minha colaboradora. A Maythe Zarazua trabalha com *marketing* digital e gerencia as redes sociais desta plataforma e de uma clínica privada de aborto. Ela respondeu às minhas mensagens, e se prontificou a ser minha colaboradora e a responder as perguntas. O protocolo foi o mesmo de sempre: enviei as dicas de gravação, as perguntas e o modelo de apresentação individual. A Maythe falou sobre como funcionam as clínicas de aborto no México, as compras de remédio, contou o relato de uma amiga que realizou o aborto e o porquê de alguns estados serem legalizados e outros não.

b) Roteiro e Gravação

Este episódio foi o mais rápido na questão de montagem, pois já havia descoberto como trabalhar a construção do meu *podcast*. Escrevi-o com um pouco menos de dados numéricos, apesar de utilizar dados de abortos no México, e mais informações sobre a atualidade da política dos países. Em especial, este roteiro foi o único com sonoras apenas em espanhol, fora a minha voz em português, fato que percebi somente depois de fechar o roteiro. Não acredito que seja algo negativo, visto que os outros países da América Latina, na maioria, falam espanhol. Além disso, este roteiro tem menos intervenções de falas minhas, e mais as falas de outras mulheres. Acredito que isto se deve porque é o primeiro episódio que não falo sobre o Brasil. O roteiro deste episódio está no Apêndice E no trabalho.

c) Edição de áudio

Neste episódio utilizei em grande maioria os trechos das entrevistas realizadas. Senti dificuldade em cortar as falas das entrevistadas, pois os raciocínios delas eram muito complexos. Por isso, algumas sonoras estão bem longas. Continuei utilizando as manchetes de notícias para identificar os ganchos da pauta, e algumas sonoras de protesto para dar quebres e ritmo à narrativa. Por ser o último episódio produzido para o trabalho, e que as outras duas pautas ainda estão em elaboração, apenas indiquei no final a intenção de tratar a temática moral e religiosa em próximos episódios, mas sem efeitos sonoros, apenas a trilha. Da mesma forma, montei o roteiro pensando todos estes efeitos sonoros e solicitei que outro colega me

ajudasse na edição, e depois eu realizei a edição final. A ajuda de outros editores de áudio para o trabalho aconteceu devido às demandas de produção.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho me propus a pensar como produzir conteúdos jornalísticos sobre diferentes países para um *podcast* sobre mulheres latino-americanas. Assim, desenvolvi um *podcast* jornalístico para circulação no continente, com produção colaborativa de diferentes países da região, experimentando as potencialidades do jornalismo *cross-border*. Além disso, construí a linha editorial do *podcast*, testei estratégias narrativas que consideraram as diferenças linguísticas entre os países e as características da linguagem sonora.

Ao longo dos capítulos apresentei os conceitos teóricos que conduziram o trabalho. Apresentei a América Latina como um território geográfico, cultural e histórico. No processo de investigação sobre este continente, percebi que poucas produções jornalísticas tratam de assuntos relacionados às mulheres latino-americanas. Por esta razão, escolhi incluir as mulheres latino-americanas como a linha editorial do meu produto. Após isso, parto para a metodologia utilizada no desenvolvimento desta pesquisa. Para a produção do produto experimental, foram utilizadas linhas fundamentais dos métodos experimentais em ciência, que são utilizadas no Laboratório de Experimentação em Jornalismo (LEX) da Universidade Federal de Santa Maria, onde o projeto foi desenvolvido. Além dos critérios de segmentação de um produto jornalístico, por Ali (2009), e da produção de *podcasts* por Vicente (2019).

O “Latinas” é um *podcast* sobre mulheres latino-americanas dedicado à circulação nesta região. Realizei a produção de um episódio piloto e dois episódios da primeira temporada sobre o Aborto na América Latina. Os *podcasts* produzidos foram pensados desde a produção de pautas que envolvam vários países, até a roteirização em português e espanhol – principais idiomas do continente. Também testei estratégias narrativas que consideraram as diferenças linguísticas entre os países da América Latina e as características de linguagem sonora. O que me levou a perceber a potencialidade narrativa de deixar os *podcasts* bilíngues, ou seja, em um mesmo *podcast* existem áudios em português e espanhol, para treinar o ouvido de quem está escutando, e promover uma aproximação cultural. É importante salientar que no território da América Latina e Caribe também alguns países falam francês, inglês, e inclusive dialetos. Por questões de tempo de produção, e do conhecimento de idioma, optei pelos dois idiomas principais.

Um dos pontos mais relevantes do trabalho foi a tradução do roteiro do português para o espanhol, pois percebi expressões brasileiras que utilizei e a história inicial do episódio piloto, em que conto partes em português, partes em espanhol. Precisei repensar ela na tradução para ter o mesmo efeito de estranhamento. Isso também serviu para pensar a

possibilidade de interação com os ouvintes, após a publicação dos episódios em plataformas digitais de áudio, como o *Spotify*. Praticar a locução em ambos os idiomas também foi um desafio, pois o ritmo fica bem mais lento e os roteiros com muito texto, mais difíceis de narrar. O exercício de fazer a locução nos dois idiomas produz uma aproximação cultural, através de alguém que não tem como idioma principal o espanhol, realizando esse esforço.

A produção jornalística colaborativa em *cross-border* permitiu que houvesse entrevistas e relatos nos dois idiomas. Cabe destacar que o esforço de construir esta rede de colaboração é o que permite a aproximação cultural com os países trabalhados. Aprendi neste processo a importância da internet como portal de acesso para encontrar fontes utilizando sites de busca e redes sociais. O *cross-border* se caracteriza como a produção colaborativa de conteúdo jornalístico entre pessoas de países diferentes, e considera que cada colaborador vai produzir o conteúdo e enviá-lo para um editor geral. Na prática, devido à dificuldade de encontrar colaboradores e aos prazos de entrega do trabalho, era inviável pedir para que as pessoas produzissem conteúdos extras. No caso do México e El Salvador, as colaboradoras apenas gravaram comentando as perguntas enviadas. Na Argentina, em parte, a experiência foi mais completa, pois a colaboradora realizou uma entrevista, conforme solicitei, e conseguiu duas entrevistadas especialistas para conversarem comigo. Esse projeto exemplifica a complexidade de realizar um projeto colaborativo espontâneo.

Destaco também o exercício profissional que realizei na minha relação com a pauta escolhida como temática para a primeira temporada. Inicialmente, me causava desconforto e muito medo a possibilidade de não conseguir traduzir a complexidade do assunto, ainda mais falando no contexto de países diferentes. Percebi que este é o melhor tipo de pauta jornalística para produzir, pois eu estava aberta a descobrir e me surpreender com o assunto, e assim aconteceu. Ao longo das entrevistas senti indignação e me emocionei com histórias, queria traduzi-las não só no idioma, mas com as sensações que me provocaram. Além da aprendizagem na construção da linha editorial, em que assumo a posição de não trabalhar gênero ou mulheres, por compreender que a complexidade do debate estava além das minhas possibilidades de estudos limitadas ao tempo. Admiti uma postura como jornalista - de apresentar os fatos, e deixar para o ouvinte decidir o que ele pensa sobre.

A experiência que apresentei neste projeto experimental serve como um exemplo aplicado dos fundamentos de jornalismo *cross-border*, que ainda são recentes. Desconheço outras iniciativas de produção como esta desenvolvida. No âmbito da prática profissional, acredito que foi uma experiência de produção jornalística internacional que não tive durante a graduação, nem em estágios curriculares.

Possíveis desdobramentos da pesquisa poderiam incluir discussões sobre ampliar os idiomas utilizados, como o francês, por exemplo. Ademais, também é interessante pensar a possibilidade de produzir com uma equipe que permita a produção descentralizada, em que cada episódio fosse responsabilidade de alguém de diferente nacionalidade, para proporcionar diversidade cultural ainda maior, e também o acesso a novos idiomas.

APÊNDICE A- ROTEIRO DO EPISÓDIO PILOTO EM PORTUGUÊS

SCRIPT PILOTO PODCAST LATINAS

Trilha

Loc: No mapa, a América Latina é desenhada desde a pontinha do Chile, passando por toda a América Central, até a divisa com os Estados Unidos. E ainda os pontinhos das ilhas caribenhas.

Loc: Mais que um desenho, esse lugar conta histórias de diversidade cultural, movimentos sociais e economias parecidas.

Loc: Nem sempre são nítidas as semelhanças entre esses TRINTA E TRÊS países.

Loc: No "Latinas" vamos conversar sobre assuntos que envolvem esse continente, a partir das histórias de mulheres.

Loc: A ideia é trabalhar a integração e identificação entre os países da América Latina.

Loc: E pra isso, esse podcast está disponível nos principais idiomas do continente: o português e o espanhol.

SOBE TRILHA

Loc: Eu sou a Mayara Souto e está começando o primeiro episódio do Latinas, o podcast que vai falar sobre as mulheres latino-americanas.

SOBE TRILHA

Loc: Já chego pedindo licença para falar um pouco da minha história que acaba se encontrando com o Latinas.

Loc: Moro no Rio Grande do Sul, o estado do Brasil mais ao sul e que faz fronteira com a Argentina e o Uruguai.

Loc: Minha família é de uma cidade chamada Uruguaiana, que faz fronteira com a Argentina. Cresci escutando uma mistura de português e espanhol.

Loc: "Alcança a colher", minha bisavó dizia, ou então "faz um chá de manzanilla" e quem sabe uma "salada de remolacha".

Loc: O conhecido portunhol sempre esteve presente na minha vida sem que eu desse muita atenção.

Loc: Esses dias eu disse pra minha vó que ia fazer um chá de camomila pra me acalmar, e ela disse que era melhor de "manzanilla". Aí eu tive que dizer que eram **a mesma coisa**.

Loc: Os dois idiomas estavam convivendo tão bem juntos, que ela até esqueceu que manzanilla não era uma palavra em português.

Loc: Nunca percebi a relevância desse detalhe do cotidiano, até viver em outro país latino-americano.

Loc: Morei no Chile por seis meses, e foi o suficiente pra me chocar com o desconhecimento que eu tinha.

Loc: Até então tudo que eu sabia daquele país era que tinha a Cordilheira dos Andes, porque era o que eu desenhava na escola.

Loc: Quando começaram minhas aulas na Universidad de Playa Ancha, em Valparaíso, descobri uma disciplina de História do Chile e América Latina. Por algum motivo me chamou atenção, e eu resolvi cursar.

Loc: Na primeira aula o professor começou a desenhar no quadro o mapa que começava da ponta do Chile até o México.

Loc: Enquanto ele explicava os processos de independências país por país, meus colegas chilenos iam acrescentando fatos. Eu só conseguia pensar que mesmo convivendo diariamente com a mistura da fronteira argentina e brasileira, eu pouco sabia da história do país que era vizinho.

SOBE TRILHA

Loc: Aquilo me deixou com uma "pulga atrás da orelha" e fiquei pensando que queria conhecer mais das culturas que eu tava convivendo naquele momento.

Loc: No convívio com amigos argentinos que estavam fazendo intercambio no Chile também, comecei a ficar mais próxima da cultura e da história argentina.

Loc: No dia 9 de julho é o Dia da Independência da Argentina. Lembro que fiquei surpresa porque todos argentinos estavam falando sobre a data, mesmo longe do país e nos convidaram pra comemorar e comer um prato típico.

Loc: Minha amiga Magdalena Estrada explicou que no país deles é um costume comemorar o dia da independência com comidas típicas, ela fez um doce

TECNICA: INSERIR AUDIO DA MAGUI FALANDO SOBRE O DOCE E PQ COMEM

Loc: E essa ligação com as raízes, assim como as da minha família que eu contei aqui, é muito forte como identidade nacional e latino-americana.

Loc: Conversei com o Lucas Samuel, que fez intercâmbio comigo e se formou no curso de História e ele me explicou brevemente o movimento independentista na América Latina

TECNCA: LUCAS INDEPENDENCIA AL

Loc: E lá no Chile, descobri que eles faziam longas comemorações na semana pátria, que acontece em setembro, no mesmo mês do Brasil.

LOC: Pra mim, como brasileira, o 7 de setembro só significa um feriado. Essa ligação tão grande com o país não me parece acontecer. Eu e o Lucas também conversamos sobre isso

Técnica: Lucas fala da independência BR

Loc: Essas relações históricas que eu fui descobrindo fizeram eu começar a querer saber mais sobre a América Latina, e inclusive estudar

Loc: Logo que voltei pro Brasil, resolvi investir nesse olhar de estranhamento de brasileira com os outros países. Fiz uma pesquisa pra saber que tipo de notícia era repercutida sobre a América latina nos principais jornais do país, a Folha de São Paulo e o Estadão.

*** AQUI PROCURAR MANCHETES PARA COLOCAR**

Loc: Durante o mês de maio de 2018, eu analisei as editorias de economia, política e internacional. Percebi que a América Latina só aparecia com semelhanças quando se tratava de acordos econômicos ou políticos, e no geral, de uma maneira negativa. Muito pouco, quase nada, se falava da cultura.

Loc: Aí eu pensei o quanto fazia sentido os estranhamentos que eu tive, e que outros brasileiros também podem sentir. Falamos muito pouco como nós latino-americanos, e sim como eles. O que é um processo que pra mim também é difícil.

Loc: O NildoOuriques é presidente do Instituto de Estudos Latino-americanos, o IELA, e fez uma comparação bem interessante sobre identidades

SONORA: BR se saber latino

Loc: Quando pensei essa relação do Brasil com outros países, quis ampliar e saber sobre os outros países também.

Loc: Resolvi então colocar uma lupa no mapa mundi e ver que países fazem parte do lugar que eu quero contar histórias pra vocês.

Loc: Tá mas existe um país que se chama Belize? Ilha de São Cristóvão e Neves? O Haiti fica na mesma ilha que a República Dominicana?

Loc: E quais países considero? A guiana francesa faz parte? E afinal, as ilhas caribenhas são América Latina?

Loc: As dúvidas me fizeramrecorrer aoNildoOuriques, presidente do IELA, pra entender que lugar é esse

SONORA: o que é AL e Caribe

Loc: Assim como o Nildo disse, a definição da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe da ONU, a CEPAL, define que TRINTA E TRÊS países integram a América Latina e Caribe. Todos eles abaixo do México.

Loc: Depois de conseguir visualizar melhor esse território, lembrei de outros momentos que percebi a conexão entre nosso continente.

***** aqui efeito de frio!!*****

.....
 Loc: Quando a temperatura baixava lá no Chile, me perguntavam se eu não estava sofrendo muito com o frio

Loc: Os amigos argentinos e chilenos conheciam o Brasil Tropical, quente e com praias lindas

Loc: Eu tinha que explicar que aqui no Rio Grande do Sul conhecíamos bem o termômetro perto do negativo, então não era uma novidade pra mim.

Loc: Essa imagem tropical era muito ligada ao Rio de Janeiro, o calor de 40 graus, a praia de Copacabana e também a cidade das favelas.

Efeito: pararapapapa

Loc: Na verdade, as favelas vinham mais como uma curiosidade, as pessoas não entendiam muito bem o que era.

Loc: Em uma conversa com uma amiga chilena, eu expliquei que podia ou não ser num morro, mas que o que realmente fazia esse lugar existir era a **desigualdade social**.

Loc: E que favela é um lugar que as pessoas pobres eram privadas de alguns acessos públicos básicos, como transporte, água e luz.

Loc: O nome favela surgiu no Brasil, quando tentavam fazer o Rio de Janeiro ser essa cidade turística que é hoje. O governo tirou todas as casas e cortiços para longe da cidade. E quem estava desabrigado foi pra terrenos vazios perto dos morros.

Loc: Minha amiga chilena me disse que então no Chile também tinha favela. Tem um morro em Viña Del Mar que mora uma comunidade mais pobre e segundo ela, eles

não saem de lá por não ter condições financeiras e ficarem longe do centro da cidade.

Loc: Nesse momento percebi que havíamos acabado de descobrir algo em comum entre nossos países: a desigualdade social.

**** algum quebre aqui ***

Loc: Infelizmente, esse acaba sendo um traço da América Latina que não se pode negar, mas o Nildo explica que faz parte de algo anterior

SONORA: INTEGRAÇÃO E SUBDESENVOLVIMENTO AL

Loc: E pra falar de união na América Latina, quem melhor do que as mulheres

SONORA: PROTESTO AMERICA LATINA NA ARG + NO BR

Loc: Enquanto eu lia sobre América Latina em artigos acadêmicos e nos livros, eu comecei a me incomodar com a falta de mulheres nas histórias e também de autoras

Loc: Apesar da famosa figura da Frida Kahlo estar estampada em bolsas, canecas, e camisetas em todos os países, a verdade é que a história das mulheres latino-americanas foi e ainda é pouco contada.

Loc: Quando eu fui no Instituto de Estudos latino-americanos pra falar com o Nildo, também conheci a Elaine Tavares, que é jornalista e engajada no movimento feminista. Ela me falou sobre o processo de independência da argentina, que já conversamos aqui. Aquela luta teve a participação muito importante de Manuela Sáenz, a esposa de Bolívar. Apesar de terem lutados juntos, apenas ele ficou reconhecido como guerrilheiro.

SONORA: História mulheres Elaine

.....

.....
 Loc: Fiquei aqui tentando pensar diferenças que encontrei com minhas amigas chilenas e argentinas, mas não consegui encontrar nada.

Loc: Isso porque só ser mulher latino-americana já nos une em muitos aspectos. O medo do assédio no trabalho, da violência sexual, os julgamentos sociais sobre como nos vestimos, o que fazemos com o corpo e como agimos.

Loc: Nos últimos anos a luta das mulheres tem feito os órgãos oficiais internacionais começam a olhar pra esse movimento.

Loc: A Comissão Econômica de Países Latino-Americanos tem uma Divisão de Assuntos destinada à Gênero. Lá eles realizam levantamento de dados e relatórios sobre a situação das mulheres latino-americanas.

Loc: Os números levantados ainda mostram desigualdade na jornada de trabalho e de representação na política das mulheres, por exemplo.

Loc: Os assuntos de gênero estão presentes nas discussões internacionais e também são estudados por pesquisadores

Loc: Conversei com a Mariana Selister, professora de Ciências Sociais e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria, e ela explicou o que são considerados os estudos de gênero.

SONORA: O QUE SÃO ESTUDOS DE GÊNERO

Loc: Com o tempo essa ideia inicial de gênero já não era mais suficiente, foi aí que surgiram outras divisões, como explica a Mariana

Sonora: mariana

Loc: A questão dessa nomenclatura gera alguns debates em quem estuda mulheres e também América Latina. A

Eliane Tavares, do IELA, tem outra opinião sobre o assunto.

SONORA: CONTRA GENERO ELAINE

Loc: Trouxe então essas duas visões diferentes do entendimento de gênero porque acho bom compartilhar com ocês.O Latinas vai se propor a falar sobre mulheres latino-americanas. Explorando a diversidade que encontramos no nosso continente.

Loc: Do lugar de mulher branca já tenho MUITOS privilégios comparado a uma mulher negra. Sem nem entrar em aspectos econômicos. Falo desse lugar, mas pretendo trazer todas cores e diferença possíveis.

** efeito **

Loc: Se a diferença entre nós mulheres é grande, a desigualdade com os homens na América Latina nem se fala.

Loc: AAgenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da ONU colocou como um dos objetivos alcançar a igualdade de gênero em todos os países. Um pouco otimista, não?!

Loc: Esse acordo pretende lutar pelo direito a uma vida livre de violência e discriminação, a garantir os direitos sexuais e reprodutivos, além de direitos econômicos, sociais, culturais, civis e políticos de forma coletiva e ambiental.

Loc: Na América Latina, a CEPAL está encarregada de observar se os países latino-americanos estão cumprindo coma agenda. Além de identificar os problemas nos países e relatar sobre isso.

Loc: A Mariana Selister, explicou a importância dessas comissões de gênero e desse tipo de acordo.

TÉCNICA: SONORA COMISSÕES E RELATÓRIOS AL

.....
Loc: E foi a partir da minha leitura de alguns desses relatórios sobre mulheres da América Latina que fui identificando assuntos que vão ser debatidos nos próximos episódios do Latinas.

Sonora: manchetes

Loc: Cada temporada do Latinas será temática de um assunto que envolva mulheres latino-americanas

Loc: E em cada episódio vamos conhecer a realidade de mulheres de diferentes países do continente para descobrir nossas semelhanças e diferenças.

Loc: Te convido a conhecer mais sobre a América Latina e a realidade das mulheres. Te aguardo no próximo episódio! Até mais!

.....
ENCERRA COM OS SPOILERS DE MANCHETES

APÊNDICE B- ROTEIRO DO EPISÓDIO PILOTO EM ESPANHOL

[ESPAÑHOL] SCRIPT PILOTO PODCAST LATINAS

Trilha

Loc: En el mapa, Latinoamerica es dibujada desde La puntita de Chile, pasando por toda centro-america hasta la frontera con Estados Unidos. Y también hay los puntitos de las islas caribeñas.

Loc: Más que un dibujo, esto lugar cuenta historias de diversidad cultural, movimientos sociales y economías similares.

Loc: Ni siempre son nítidas las similitudes entre estos TREINTA Y TRES países.

Loc: En "Latinas" vamos hablar de temas relacionados a este continente, contando historias de mujeres.

Loc: La idea es trabajar la integración y identificación entre los países latino americanos.

Loc: Así, este podcast está disponible en los principales idiomas del continente: el portugués y el español.

Loc: Yo soy Mayara Souto y está comenzando el primer episodio de Latinas, el podcast que va hablar de las mujeres latinoamericanas.

Levanta trilha

.....

Loc: Ya voy pidiendo permiso para hablar un poco de mi historia que se encuentra después con Latinas.

Loc: Vivo en Rio Grande Del Sur, el estado de Brasil más al sur y que hace frontera con Argentina y Uruguay.

Loc: Mi familia es de una ciudad llamada Uruguaiana, que hace frontera con Argentina. Así que crecí escuchando una mezcla de portugués y castellano.

Loc: "Alcança a cuchara" para los porotos, mi bisa decía, o "faz umchá de manzanilla" para calmarse, o quizás una "salada de remolacha".

Loc: El conocido portuñol siempre ha estado presente en mi vida, sin que yo preste mucha atención.

Loc: Estos días yo dije a mi abuela que iba hacer un té de "camomila" para calmarme, y ella dijo que era mejor un "chá de manzanilla". Yo tuve que decir que eran lo mismo.

Loc: Los dos idiomas estaban tan bien viviendo juntos que ella se olvidó que "manzanilla" no es una palabra del portugués.

Loc: Nunca había notado la relevancia de estos detalles del cotidiano, hasta que viví en otro país latinoamericano.

Loc: Viví en Chile por seis meses y fue esto que me sorprendió por mi desconocimiento.

Loc: Hasta ahí todo lo que yo sabía de aquel país era de la Cordillera de los Andes, porque era lo que yo dibujaba en la escuela.

.....
Loc: Cuando empezó mis clases en la Universidad de Playa Ancha, en Valparaíso, descubrí una asignatura de Historia de Chile y Latinoamérica. Por algún motivo llamó mi atención y yo decidí hacerla.

Loc: En la primera clase, el profesor dibujó en el tablero el mapa que comenzaba de la punta de Chile hasta el México.

Loc: Mientras el profesor enseñaba las independencias país por país, mis colegas chilenos iban diciendo más informaciones. Yo solo pensaba que mismo viviendo diariamente con la mezcla de la frontera argentina y brasileña, yo poco sabía de la historia de los países vecinos.

Loc: Esto me dejó con una "pulga detrás de la oreja" y me quedé pensando cómo me gustaría conocer más de las culturas que yo estaba conviviendo en aquel momento.

Loc: En la convivencia con los amigos argentinos que estaban de intercambio en Chile también, empecé a quedarme más cercana de la cultura y historia argentina.

Loc: En el nueve de julio es el Día de la Independencia de Argentina. Me acuerdo que estaba sorprendida pues todos argentinos hablaban de esta data mismo lejos del país de ellos. Y también nos invitaron a celebrar y comer una comida típica.

Loc: Mi amiga Magdalena Estrada explico que en países de ellos es costumbre celebrar el día de la independencia con comida de allá, y ella hice un dulce.

.....
TECNICA: INSERTAR AUDIO DA MAGUI FALANDO SOBRE O DOCE E PQ COMEM

Loc: Y esta relación con las raíces, así como la mía con mi familia es muy fuerte como identidad nacional e latinoamericana.

Loc: Hablé con Lucas Samuel, mi compañero de intercambio que se ha graduado en Historia. Él me

explicó brevemente el movimiento independentista de Latinoamérica.

TECNCA: LUCAS INDEPENDENCIA AL

Loc: Y en Chile yo descubrí que ellos hacen largas celebraciones de la semana patria, que ocurre en septiembre, así como en Brasil.

Loc: Para mí, como brasileña, el siete de septiembre es solo un feriado. Esa ligación tan grande con el país no me parece ocurrir. Lucas y yo también charlamos de esto

Técnica: Lucas fala da independência BR

Loc: Las relaciones históricas que yo descubrí me han despertado la voluntad de saber aún más de Latinoamérica, influyo empecé a estudiar el tema

Loc: Así que volví a Brasil decidí invertir en mi mirada brasileña de extrañeza con los otros países. Hice una investigación para saber qué noticias hablaban de Latinoamérica en los principales periódicos brasileños, la Folha de São Paulo y el Estadão.

*** AQUI PROCURAR MANCHETES PARA COLOCAR**

Loc: En el mês de mayo de 2018, yo investigué las noticias de economía, política e internacional. Yo he notado que Latinoamérica solo es presentada con similitudes cuando se trata de acuerdos económicos o políticos, y en general, de una manera muy negativa. Mucho poco, casi nada, se habla de la cultura que comparten estos países.

Loc: Ahí yo pensé cómo hacía sentido la extrañeza que tuve, y que otros brasileños también pueden sentir. Hablamos poco como nosotros latinoamericanos, y si como ellos. Lo que es un proceso difícil y para

mí también, pero estoy intentando hacer esto ejercicio en Latinas.

Loc: El NildoOuriques es presidente del Instituto de Estudios Latinoamericanos, el IELA, y el hice una comparación muy interesante acerca de las identidades.

SONORA: BR se saber latino

Loc: Cuando pensé la relación de Brasil con otros países, yo también quería expandirme y conocer otros países.

Loc: Así que decidí poner una lupa en el mapa mundial y ver qué países son parte del lugar donde quiero contarles historias.

Loc: Sí, ¿pero existe un país llamado Belize? ¿Isla de San Cristobál y Neves? ¿El Haiti se queda en la misma isla de Republica Dominicana?

Loc: ¿Y cuáles países yo considero? ¿La Guiana Francesa también hace parte? ¿Y por fin, las islas caribeñas son Latinoamerica?

Loc: ¡a! fueran tantas dudas que yo fui hablar con el NildoOuriques, presidente del IELA para comprender qué lugar es este.

SONORA: o que é AL e Caribe

Loc: Asi como el Nildo dice, La definición de la Comisión Económica para Latinoamerica y Caribe de la ONU, la CEPAL, define que treinta y tres países integran Latinoamerica y Caribe. Todos estos abajo del México.

Loc: Después de visualizar mejor esto territorio, recordé otros momentos en que me di cuenta de la conexión entre nuestro continente.

Loc: Cuando la temperatura bajaba en Chile, me preguntaban si yo no estaba sufriendo mucho con el frío.

Loc: Los amigos argentinos y chilenos conocían el Brasil tropical, caliente y con playas hermosas.

Loc: Yo tenía que explicarles que acá en Rio Grande del Sur conocíamos bien el termómetro cerca del negativo. Entonces, aquello no era novedad para mí.

Loc: Este imagen tropical estaba muy conectada al Rio de Janeiro, el calor de cuarenta grados, la playa de Copacabana y también la ciudad de las favelas.

.....
Efeito: pararapapapa
.....

Loc: En realidad, las favelas son sobretodo una curiosidad. Las personas no entienden muy bien lo que es.

Loc: En una charla con una amiga chilena, yo le dice que podía o no estar en un cerro. Pero, lo que realmente hace este lugar existir es la desigualdad social.

Loc: Y que favela es un lugar en que las personas pobres son privadas de algunos accesos públicos básicos, como transporte, agua y luz.

Loc: El nombre favela surgió en Brasil, cuando intentaban hacer de Rio de Janeiro la ciudad turística que es hoy. El gobierno sacó todas las casas y habitaciones del centro de la ciudad. Y así, quien estaba desabrigado fue para tierras vacías que estaban cerca de los cerros.

Loc: Mi amiga chilena me dijo que entonces en Chile también hay favelas. Hay un cerro en Viña del Mar que viven una comunidad más pobre y de acuerdo con ella, ellos no salen de allá por no tener plata suficiente y quedarse lejos del centro de la ciudad.

Loc: En este momento percibí que habíamos descubierto algo en común entre nuestros países: la desigualdad social.

Loc: Infelizmente, ese acaba siendo un trazo de Latinoamerica que no se puede negar. Pero Nildo explica que hace parte de algo anterior.

.....
SONORA: INTEGRAÇÃO E SUBDESENVOLVIMENTO AL

Loc: Hablamos tanto de unión en Latinoamérica hasta ahora... ¿Y quién mejor que las mujeres para hablar de esto?

.....
SONORA: PROTESTO AMERICA LATINA NA ARG + NO BR

Loc: Mientras yo leía acerca de Latinoamerica en artículos académicos y en los libros, yo empecé a molestarme con la falta de mujeres en las historias y también de autoras que hablen de latinoamerica.

Loc: Mismo con la figura famosa de Frida Kahlo estampada en bolsos, tazas y camisetas en todos los países, la verdad es que la historia de las mujeres latino-americanas fue y aun es poco contada.

Loc: Cuando me fui al Instituto de Estudios Latinoamericanos para hablar con el NildoOuriques, también conocí a Elaine Tavares, que es periodista y involucrada con el movimiento feminista. Ella me contó de los procesos de independencia de argentina, que ya hemos dicho acá. En aquella lucha hubo la participación muy importante de Manuela Saénz, la esposa de Simón Bolívar. A pesar de lucharen juntos, solo él se quedó reconocido como guerrillero.

.....
SONORA: História mulheres Elaine

Loc He intentado pensar diferencias con mis amigas chilenas y argentinas, pero no he encontrado nada.

Loc: Eso porque solo ser mujer latinoamericana ya nos une de muchas maneras. El miedo del asedio en el trabajo, la violencia sexual, los juicios sociales de cómo nos vestimos, o que hacemos con nuestro cuerpo y como nos portamos.

Loc: En los últimos años, la lucha de las mujeres han hecho los órganos oficiales internacionales empezaren a mirar para esto movimiento.

Loc: La Comisión Económica de Países Latinoamericanos tiene una División de Cuestiones de Género. Ahí ellos recopilan datos e informes sobre la situación de las mujeres latinoamericanas.

Loc: Los números aún muestran la desigualdad en la jornada de trabajo y de representación en la política, por ejemplo.

Loc: Las cuestiones de género están presentes en las discusiones internacionales y también son estudiadas por investigadores.

Loc: Yo hablé con Mariana Selister, profesora de Ciencias Sociales y Relaciones Internacionales de la Universidade Federal de Santa Maria, y ella explicó que son los estudios de género.

SONORA: O QUE SÃO ESTUDOS DE GÊNERO

Loc: Com el tempo, laidea inicial de género no era más suficiente. Así, surgió otras divisiones del tema, como explico Mariana

Sonora: mariana

Loc: La cuestión de este nombre genera algunos debates con quien estudia mujeres y también Latinoamerica. La periodista feminista Elaine Tavares, del IELA, tiene otras opiniões acerca del tema.

SONORA: CONTRA GENERO ELAINE

Loc: Yo traje estos dos opibiones distintas de la comprensión de género porque creo que seabueno compartir com ustedes. El Latinas vapropoñerse a hablar de mujeres latino-americanas. Vamos explorar la diversidad que hay em nuestro continente.

Loc: Del lugar de mujer branca yatengo MUCHOS privilégios em comparación a uma mujer negra. Sinnidecir sobre lascuestiones econômicas. Hablo de esto lugar, pero me proponho a traer todas las colores y diferencias posibles.

Loc: Si la diferencia entre nosotras es larga, la desigualdade ante los hombres em latinoamericanisiquierahables.

Loc: LA Agenda 2030 para elDesarrolloSostenible de laOrganización de lasNaciones Unidas, la ONU, se há fijado como objetivo alcanzarlaigualdad de género en todos los países. Muy otimista, no?

Loc: Este acuerdoesta destinado a luchas por elderecho a uma vida libre de violência y discriminación, a garantizarlosderechossexuales y reproductivos, ademas de losderechos econômicos, sociales, culturales, civis y políticos colectivos y ambientales.

Loc: Em Latinoamerica, la CEPAL esta encargada de observar si los países latino-americanos cumplen com la agenda. Ademas de identificar los problemas em los países y informar acerca de esto.

Loc: LA Mariana Selister, explicóla importância de estas comissões de género y de estosacuerdos.

TÉCNICA: SONORA COMISSÕES E RELATÓRIOS AL

Loc: Com mi lectura de algunos de estos informes de las mujeres latino-americanas, empecé a pensar temas que vamos hablarenlos próximos episodios de Latinas.

.....
Sonora: manchetes
.....

Loc: Cada temporada de Latinas será temática de un tema que hable de mujeres latino-americanas.

Loc: Y en cada episodio vamos conocerla realidad de mujeres de distintos países del continente para descubrir nuestras similitudes y diferencias.

Loc: TE invito a conocer más sobre America Latina y la realidad de estas mujeres. Te espero en el próximo episodio! Hasta Luego!

APÊNDICE C - ROTEIRO PARA AS COLABORADORAS

PODCAST LATINAS – ¿QUE ES ESTE PROYECTO?

El “Latinas” es un podcast para y sobre mujeres latinoamericanas. Nació de la vivencia de una brasileña en otros países de latinoamerica. La idea es que los temas que involucren las mujeres latinas sean debatidos en podcast con mujeres de distintos países. Para eso, a cada país que vamos hablar contactamonos con una mujer de este país para que ella ayude en la producción y que traiga voces de su país para el podcast. En esta primera temporada vamos hablar de la Legalización del Aborto en Latinoamerica. El “Latinas” va estar disponible en portugués y castellano, para que los idiomas se mezclen como las culturas del continente.

CONSEJOS PARA LA PRODUCCIÓN:

- Hay que pedir para la persona que va ser entrevistada hablar un poco más despacio para que los brasileños también la entiendan
- Es necesario que la persona grave en un local con silencio y poner el micrófono cerca de un palmo e distancia de la boca (puede ser por audios de whatsapp también)
- El tiempo máximo de grabación es de 7 minutos
- Enviar el nombre de la entrevistada

PRESENTACIÓN:

- Envíe un audio diciendo su nombre, idade, qué estudias, de que aís hablas y quien va hablar sobre cual tema.
Ej: Hola mi nombre es , tengo años, estudio/trabajo en soy de (país) y voy hablar acerca de
- También presente con quien va hablar (nombre, profesión y porque uested esta hablando con ella)

APÊNDICE D - ROTEIRO DO EPISÓDIO “DO ILEGAL AO CRIMINAL”

SCRIPT TEMPORADA 1 – EP DO ILEGAL AO CRIMINAL

Sonora: Trilha

Loc: Olá! Tá começando o primeiro episódio da TEMPORADA sobre ABORTO NA AMERICA LATINA, DO LATINAS.

Loc: Se você ouviu o episódio piloto, deve saber que eu contei lá tooooda a história de como esse projeto surgiu.

Loc: Mas, se você não ouviu, eu te dou um breve resumo: aqui, a gente vai falar da realidade de mulheres, de diferentes países da América Latina. Pra descobrir as semelhanças e diferenças do nosso continente.

Loc: E pra isso, esse podcast está disponível nos principais idiomas da América Latina: o português e o espanhol.

.....

Loc: Eu sou a Mayara Souto e está começando mais um Latinas, o podcast que fala sobre as mulheres latino-americanas.

Loc: A partir de agora, eu já não vou falar tanto das minhas histórias. Eu vou apresentar a vocês outras mulheres do nosso continente.

SONORA: audio da apresentação de cada (editar)

.....

Loc: A Organização Mundial da Saúde estima que 25 milhões de abortos inseguros são realizados, por ano, no mundo inteiro.

Loc: Desse número, 97% acontecem em países dos continentes africanos, asiáticos e também latino-americanos.

Loc: Na América Latina, 3 em cada 4 abortos foi realizado de forma insegura.

Loc: Nos últimos meses, alguns casos relacionados ao aborto chamaram a atenção no nosso continente.

.....

Manchetes das mulheres - manchetes rápidas

Loc: Algo que temos em comum na América Latina são legislações que pouco protegem e proporcionam a escolha das mulheres de ter ou não uma gravidez.

Loc: A legislação dos países latinos divide o aborto em categorias que formam um termômetro. Que vai desde a CRIMINALIDADE, passando pelo ilegal, mas com exceções em casos de proteção à saúde física, psíquica, sócio-econômica e chegando até a LEGALIDADE COMPLETA.

Loc: Algo tão político e cheio de palavras difíceis pode definir A VIDA de mulheres que não desejam gestar por inúmeros motivos.

Loc: Te convido a se desprender de julgamentos e praticar a escuta com a história da Luana Silva, nome fictício da nossa entrevistada.

SONORA: RELATO LUANA SILVA(editar, ta muito longo e precisa distorcer umpouco a voz dela)

Loc: No Brasil, a Luana faz parte da estatística de uma entre cinco mulheres que realizam o aborto até os 40 anos. Essa é uma estatística da Pesquisa Nacional de Aborto, realizada em 2016 pelo Anis - Instituto de Bioética e pela Universidade de Brasília.

Loc: No Brasil, o aborto é ilegal, mas com três exceções: em caso de representar risco à vida da mãe, se for um feto anencéfalo ou ainda em casos de estupro.

Loc: A clandestinidade passa a ser uma saída para as mulheres que desejam abortar, seja com remédios, clínicas abortivas ou até mesmo com pessoas que realizam o processo.

SONORA: MANCHETE DA mulher presa (editar - essa da pra deixar a informação maiorzinha)

Loc: A mulher que realizava estes abortos em outras mulheres chegava a utilizar remédio para cavalo como um abortivo. Um risco e tanto para a saúde de seres humanos.

Loc: Quase metade das mulheres que realizam um procedimento caseiro, como este, precisam ser internadas pra finalizar o aborto. Seja com curetagens, Que é um método para aspirar restos que ficam no útero. E também casos com sangramentos muito fortes, como o da Luana, que precisou ir ao hospital fazer exames.

Loc: O Ministério da Saúde ainda alerta que o aborto é a QUINTA causa de morte materna no Brasil.

Loc: A decisão de abortar faz parte de uma série de fatores políticos, econômicos e sociais. Um deles é a falta de educação sexual, como a Luana comentou.

Loc: Por isso, são importantes políticas públicas que pensem como garantir os direitos das mulheres.

Loc: Pra falar mais sobre isso, conversei com a Cláudia Azorena, que é socióloga e investigadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas, o CONICET, da Argentina.

SONORA: CLAUDIA - SAÚDE E POLÍTICA PÚBLICA

Loc: No Brasil, quem realiza o aborto sem estar nas três exceções pode ficar detida de um a três anos. E quem realiza fica de um a quatro anos.

Loc: Como eu comentei, a legislação do aborto na América Latina é como um termômetro. E se o Brasil está no meio, por ser ilegal com algumas exceções, tem o EXTREMO que criminaliza em todos os casos.

SONORA: MANCHETE MULHER PRESA EL SALVADOR (editar + deixar notícia maiorzinha)

Loc: A história da Evelyn Hernández foi o grande motivo pelo qual resolvi fazer a primeira temporada do Latinas sobre o Aborto na América Latina.

Loc: Evelyn teve um aborto espontâneo aos 9 meses, dentro de casa, e alega que não sabia que estava grávida, pois o feto foi fruto de um estupro.

Loc: A jornalista Metzi Martél de El Salvador acompanhou o caso e me contou sobre o julgamento de Evelyn.

SONORA: metzi - evelyn (precisa dar uma editada)

Loc: Em El Salvador, até 1997, o aborto era permitido nas mesmas três exceções do Brasil atualmente.

Loc: Depois de algumas reformas no código penal, El Salvador passou a considerar o aborto um CRIME, que pode condenar a mulher em até 50 ANOS DE PRISÃO. Além de 12 ANOS para o médico que aceitar fazer o procedimento.

Loc: A Metzi Mártel conta mais sobre os efeitos da legislação punitiva.

SONORA: METZI - INVESTIGAÇÃO

Loc: O movimento das mulheres el salvadorenhas trouxe importantes avanços para o conhecimento dos casos que acontecem no país.

SONORA: METZI - AGRUPACION CIUDADANA

Loc: Este grupo de mulheres, junto a Aliança Pela Saúde e vida das Mulheres, apresentou uma proposta de alteração da lei que criminaliza o aborto totalmente.

Loc: A proposta tenta abrir exceções como as que existiam antes no país para que se conquiste mais direitos para as mulheres.

Loc: Segundo a jornalista Metzi Martel, o projeto de lei foi pouco discutido na Assembleia Legislativa e existe pouca força política pra aprovar essa reforma.

Loc: A advogada Mariana Rélen, integrante da Campanha Nacional pelo Direito ao Aborto Legal da Argentina, fala sobre a ineficácia de um sistema punitivo para o aborto.

SONORA: MARIANA - CRIMINALIZAR É RIDÍCULO

Loc: Segundo a Organização Mundial da Saúde, essa legislação punitiva coloca em risco, principalmente, a vida de mulheres e meninas que vivem em situação de pobreza ou zonas rurais e mais isoladas.

Loc: Algumas ONGs internacionais online tentam ajudar com informações as mulheres de países que não tem acesso legal ao aborto.

Loc: A Women on Web é uma delas. No site tem um espaço de perguntas e dúvidas frequentes que alerta as mulheres de alguns cuidados e recomenda como e onde realizar o aborto. Além de oferecer conteúdos informativos sobre métodos contraceptivos.

Loc: Esta ONG está vinculada à Women on waves, que em 1999 criou um barco que vai até alguns países em que o aborto é ilegal, e realiza o procedimento em mulheres interessadas em pleno alto mar.

Loc: Por que isso? Por que quem rege as leis das águas internacionais é o país de origem da

embarcação. Neste caso, a embarcação vem da Holanda, onde o aborto é legalizado.

Loc: Na América Latina, esse tipo de iniciativa é essencial. Independente da sua opinião, da minha, do seu pai, dos seus avós, mulheres abortam. O que muda é a condição de risco em que isso vai acontecer.

Loc: A advogada Mariana Rélen mostra como a desigualdade social tem relação com o aborto.

Loc: mariana - despenalização é justiça social

Loc: No próximo episódio vamos entrar mais nas questões sobre a legalização do aborto.

Loc: E antes de encerrar, queria agradecer a ajuda de produção da Amália López, que é estudante de comunicação na Argentina. E também a edição de áudio que ficou por conta da minha amiga Caline Gambin.

Loc: Continue ouvindo o Latinas para conhecer mais sobre a realidade das mulheres latino-americanas! Até mais!

SONORA: Encerrar com os spoilers finais que podem ser gritos de mulheres da Argentina

APÊNDICE E - ROTEIRO DO EPISÓDIO “DA LUTA À LEGALIZAÇÃO”

SCRIPT TEMPORADA 1 - EP DA LUTA À LEGALIZAÇÃO

Sonora: Trilha

Loc: Olá! Está começando mais um episódio da TEMPORADA sobre ABORTO NA AMERICA LATINA, DO LATINAS.

Loc: Aqui, a gente vai falar da realidade de mulheres, de diferentes países da América Latina. Pra descobrir as semelhanças e diferenças do nosso continente.

Loc: E pra isso, esse *podcast* está disponível nos principais idiomas da América Latina: o português e o espanhol.

Loc: Eu sou a Mayara Souto e está começando mais um Latinas, o *podcast* que fala sobre as mulheres latino-americanas.

Loc: E junto a mim estão as vozes de mulheres do nosso continente.

SONORA: AUDIO DA APRESENTAÇÃO DE CADA UMA

Loc: No ano passado a Argentina e os “pañuelos” verdes ganharam destaque da mídia internacional.

Loc: A campanha nacional pelo Direito ao Aborto Legal é um grande movimento feminista que tinha como lema “educação sexual para decidir, anticoncepcionais para não abortar e aborto legal para não morrer”.

SONORA: PANUELAZO

Loc: Como o Brasil, que falamos no último episódio, na Argentina o aborto é considerado ilegal, mas com algumas exceções: Nos casos de estupro ou que represente risco à vida e saúde da mulher.

.....

Loc: O movimento feminista da Argentina tem em pauta a legalização do aborto há algum tempo.

Loc: Conversamos com a Julia López, comunicadora social e ativista feminista da Argentina, que nos contou sobre o movimento pela legalização do aborto.

SONORA: JÚLIA - CAMPANHA LEGALIZAÇÃO

Loc: A expectativa pela legalização do aborto na argentina fez o dia da votação do senado ser histórico no país.

Loc: Depois de acompanhar a sessão do senado em telões nas praças da capital argentina durante 16 horas, a decisão saiu.

SONORA: RESULTADO VOTAÇÃO

Loc: Como ativista feminista, a Júlia acredita que esse resultado foi um reflexo de alguns pensamentos contrários.

SONORA: JULIA - argumentos contrários

Loc: O movimento dos pañuelos verdes não desistiu da luta pela legalização do aborto no país, mesmo depois de ter a tentativa barrada.

Loc: A Júlia Lopéz explica por que a legalização do aborto é tão importante.

SONORA: JULIA - PQ LEGALIZAR

Loc: O projeto de legalização do aborto na Argentina propõe que até os três meses de gestação, a mulher possa abortar e não precise dar explicação.

Loc: Após esse período, os casos seriam analisados conforme alguns critérios.

Loc: Atualmente, esse projeto está parado no governo de Mauricio Macri. Mas, após as eleições realizadas

recentemente, que elegeram Alberto Fernandez, existem possibilidades de mudança, como explica Julia López.

SONORA: JULIA - SITU ABORTO ATUAL

Loc: Essa discussão do aborto passa por tantas esferas legais e políticas, que se torna muito complexo entender porque algo tão grande afeta uma decisão individual.

Loc: A socióloga Cláudia Azorena, que é investigadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas, o CONICET, da Argentina, explica a relação do aborto com as questões políticas.

SONORA: CLAUDIA - DIREITO AO ABORTO SEGURO

Loc: A pesquisa Aborto no Mundo 2017: Progresso Desigual e Acesso Desigual conclui que nos países em que a interrupção da gravidez não é permitida em qualquer hipótese ou apenas no caso de risco de vida da mãe, são 37 abortos a cada mil mulheres.

Loc: Já nas nações com permissão sem restrição de motivo, a proporção se reduz a 34 para mil mulheres.

Loc: A legalização do aborto ainda é uma questão, principalmente em países subdesenvolvidos. A Organização Mundial da Saúde afirma que 88% dos casos de aborto acontecem em países como os da América Latina. Parte da explicação é o aumento populacional.

Loc: A advogada Mariana Rélen, integrante da Campanha Nacional pelo Direito ao Aborto Legal da Argentina, explica os motivos da legalização do aborto ser importante na América Latina.

SONORA: MARIANA ADVOGADA - POR QUE LEGALIZAR

Loc: Como eu comentei no primeiro episódio, a legislação da América Latina é como um termômetro.

.....

Loc: Até aqui, falamos do extremo ilegal, do ilegal com exceções. E no caso da argentina uma expectativa de estar muito perto do outro lado, em que é legalizado.

Loc: E agora vamos de fato pro extremo legalizado.

SONORA: MANCHETE OAXACA

Loc: Até este ano, apenas a Cidade do México permitia o aborto.

Loc: O estado de Oaxaca em setembro aprovou na câmara dos deputados o procedimento.

Loc: Oaxaca é um dos estados mais pobres do México. E os abortos clandestinos são o terceiro motivo de maior morte de mulheres lá.

Loc: As leis mexicanas permitem que cada estado tenha autonomia para decidir sobre legislações como esta

Loc: O México tem 31 estados e mais a capital, de todos estes apenas dois permitem completamente o aborto

Loc: Nos outros 30 estados o aborto é permitido somente em exceções

Loc: Fiquei intrigada sobre essa diferença tão grande. Pensando no meu país, é como se no estado que eu moro possa realizar o aborto, já no estado que fica a algumas horas de distância, não possa.

Loc: Conversei então com a Maythe Zarazúa, que mora na Cidade do México, porque esse movimento de legalização aconteceu em dois estados e nos outros não.

SONORA: maythe - CIUDAD MEX E OUTROS ESTADOS

.....

Loc: Na cidade do México, o aborto é legal há doze anos. Então já existe uma estrutura preparada para o funcionamento.

Loc: Lá existem clínicas que realizam o aborto seguro e gratuito, como explica a Maythe

SONORA: MAYTHE- CLINICAS LEGAIS

Loc: O Serviço de Interrupção Legal da Gravidez da Cidade do México publicou estatísticas de abril de 2007 a setembro de 2019 que constata que 216 abortos foram realizados em clínicas do país.

Loc: Desses, grande maioria dos abortos é realizado antes do primeiro mês de gestação e o principal método são os remédios.

Loc: No episódio anterior escutamos o relato da Luana Silva, que realizou o aborto clandestino com medicamentos.

Loc: Em países ilegais esse tipo de medicação tem difícil acesso.

Loc: Mas em um país como o México, o acesso é diferente, como explica a Maythe.

SONORA: MAYTHE- COMO COMPRAR REMEDIOS

Loc: Esses remédios passam por controles de qualidade e são fiscalizados pela Comissão Federal para a Proteção contra Riscos Sanitários.

Los: Esse mesmo órgão fiscaliza e dá a permissão para que as clínicas possam realizar o procedimento.

Loc: Perguntei para a Maythe se ela conhecia alguma mulher que realizou o aborto de forma legal no México e pudesse contar a história.

Loc: Ela tem uma amiga que fez o processo, mas que preferiu não contar ela mesma a história. No entanto,

a Maythe contou o que a amiga comentou sobre o procedimento.

SONORA: MAYTHE - HISTORIA DA AMIGA

Loc: Mesmo que o sentimento de culpa seja similar ao da Luana Silva, que ouvimos no último episódio, a amiga da Maythe realizou esse procedimento de forma segura e com assistência de pessoas especializadas.

Loc: Quando a legislação permite o aborto, ela proporciona o direito de escolha com o próprio corpo. Além da escolha de onde e como realizar o procedimento.

Loc: Eu conheci a Maythe Ohara através de um perfil do instagram chamado "clnicasabortolegal", que é uma plataforma de pesquisa para ajudar as mulheres que desejam abortar a decidir qual o melhor local para realizá-lo e quais os métodos possíveis.

Loc: Essa plataforma também dá acesso a informações sobre saúde sexual e as leis sobre o aborto no México, na América Latina e no mundo.

Loc: A Maythe explicou quais as diferenças delas das públicas.

SONORA: MAYTHE - CLINICA PRIVADA X PUBLICA

Loc: Além do que a Maythe contou, clínicas privadas são muito importantes para o acesso legal ao aborto de mulheres de outros lugares.

Loc: O Serviço de Interrupção Legal da Gravidez da Cidade do México contabiliza que entre 2007 e 2019 foram realizados procedimentos em mulheres de 15 estados diferentes do México, que foram até a cidade e em 60 mulheres estrangeiras.

Loc: A Maythe Zahua explicou como funciona o processo com essas outras mulheres.

.....

SONORA: maythe - mulheres de fora

Loc: E pra quem não consegue ir até a Cidade do México, e mora dentro do país, algumas clinicas oferecem envio de remédios e assistência online.

Loc: Já para quem é de outros países, iniciativas como a da Women on Web, que comentei no outro episódio podem ser uma solução.

Loc: Agora já entendemos esse termômetro da legislação do aborto na América Latina, começando pelo criminal, andando pelo ilegal e chegando agora até a legalização.

Loc: Nos próximos dois episódios vamos fazer debates mais subjetivos. Como a moral envolvida na decisão de abortar e as influências religiosas.

Loc: Continue escutando o Latinas, te espero no próximo episódio! Até mais!

.....

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Pedro. Por uma História do Jornalismo Internacional no Brasil. 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho (ALCAR): **Anais...** Niterói/RJ, 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/por%20uma%20historia%20do%20jornalismo%20internacional%20no%20brasil.pdf>>. Acesso em: 23/04/2019
- ALFETER, Brigitte; CÂNDEA, Stefan. Cross-Border Collaborative Journalism: new practice, new questions. **Journal of Applied Journalism & Media Studies**, v. 8, n. 2, p. 141–149, 2019. Disponível em: <<https://www.ingentaconnect.com/contentone/intellect/ajms/2019/00000008/00000002/art00001>>. Acesso em: 20/08/2019
- ALI, Fátima. **A Arte de Editar Revistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.
- ARAUJO, Maria Celina D. Prospectos da democracia na América Latina. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2006. Disponível em: <<http://www.offnews.info/downloads/DemocraciaAmericaLatina2006.pdf>>. Acesso em: 06/06/2019
- BERGLEZ, Peter. What is global journalism? **Journalism Studies**, v. 9, nº 6, p. 845-858, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/14616700802337727>>. Acesso em: 29/06/2019
- BOMFIM, Ivan. Latinidade: a América Latina pelas páginas de Veja e Carta Capital. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bomfim-ivan-latinidade.pdf>>. Acesso em: 18/05/2019
- BOMFIM, Ivan. Construindo realidades: uma perspectiva de interação entre Jornalismo e Relações Internacionais. **Comunicação & Inovação**, v. 13, nº 25, p. 29-36, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.13037/ci.vol13n25.1506>>. Acesso em: 23/05/2019
- COLLAR, Mayara Souto; SILVEIRA, Ada C. M. Veículos de Jornalismo Internacional no Brasil: uma nova atividade jornalística no contexto da blindagem midiática. 9º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR): **Anais...** Goiânia/GO, 2019. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/jpjour2019/paper/view/1903>>. Acesso em: 25/11/2019
- COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E CARIBE. **Estados Membros**, 2019. Disponível em: <<https://www.cepal.org/pt-br/estados-miembros>>. Acesso em: 10/06/2019
- GUTIÉRRES ARANZETA, Carlos. **Introducción a La Metodología Experimental**. Ciudad de México/México: Noriega Editora, 2006.
- LOPEZ, Débora. Radiojornalismo Hipermediático. Covilhã: Livros Labcom, 2010. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf>. Acesso em: 20/04/2018.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo/SP: Contexto, 2004.

ONU, CEPAL. Una mirada analística a la legislación sobre interrupción del embarazo en países de Iberoamérica y el Caribe. **División de Asuntos de Género**, 2011. Disponível em: <<https://www.cepal.org/es/publicaciones/5837-mirada-analitica-la-legislacion-interrupcion-embarazo-paises-iberoamerica-caribe>>. Acesso em 14/04/2019

RIBEIRO, Darcy. **América Latina**: a pátria grande. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986

SANT'ANNA, Francisco. **América Latina** - um tema fora da pauta. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/santanna-francisco-america-latina.pdf>>. Acesso em: 20/05/2018.

SOUTO, Mayara; STORCH, Laura. Distanciamentos entre o Brasil e a América Latina: uma análise de notícias dos jornais Estadão e Folha de S. Paulo sobre o continente. 8º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR): **Anais...** São Paulo/SP, 2018. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/JPJor2018/paper/view/1625>>. Acesso em: 12/11/2019

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. In: SOARES, R. L; SILVA, G. (Orgs). **Emergências Periféricas em Práticas Midiáticas**. São Paulo: Metacrítica, 2018. Cap. 6, p. 88-107. Disponível em: <<https://bdpi.usp.br/item/002906541>>. Acesso em 25/06/2019.